

RUTE ISABEL HORTA JUSTO DOS SANTOS

INTERVENÇÃO SOCIAL EM PARCERIA

- Rede Social de Silves –

(ANEXOS)

Mestrado em Educação Social -

Relatório de Atividade Profissional

Trabalho efectuado sob a orientação de:

Professora Doutora Rosanna Barros



Escola Superior de Educação e Comunicação

2016

INDÍCE DE ANEXOS

Anexo 1 – Esquematização do Guião de Entrevistas	2
Anexo 2 – Guião de Entrevistas	4
Anexo 3 – Caracterização dos Entrevistados	7
Anexo 4 – Quadro da Análise de Conteúdo	9
Anexo 5 - Quadro Resumo da Análise de Conteúdo das Entrevistas	14
Anexo 6 – Transcrição das Entrevistas – A - F	25

Anexo 1 - Esquematização do Guião de Entrevistas

Dimensão	Objetivos	Questões	Observações
I - Parceria	✓ Conhecer o entendimento do conceito Parceria, pelos atores envolvidos na investigação, ou seja, técnicos/dirigentes de entidades que compõe o CLAS de Silves.	Q1- O que é para si uma parceria? Q2- Que tipo de experiência profissional tem a este nível? Q3- No seu entender porquê e como se criam parcerias?	
II – Intervenção Social em Parceria	✓ Conhecer o entendimento da interação da intervenção social em parceria, pelos técnicos/ dirigentes de entidades que compõe o CLAS de Silves. ✓ Conhecer os pontos fortes e pontos fracos, vantagens e desvantagens, as mais valias deste tipo de intervenção, quer ao nível do trabalho pessoal, quer ao nível do entendimento/ reconhecimento desta intervenção pelas várias entidades locais.	Q4- Na intervenção social o que considera como pontos fortes, numa intervenção em parceria? Quais os pontos fracos? Q5- Numa escala de 0 a 5, que importância tem para si o trabalho em parceria? Quais as vantagens e desvantagens dessa intervenção? Q6- O que mudou no seu trabalho desde que desenvolve uma intervenção em parceria? Porquê? Q7- Da intervenção social desenvolvida no Concelho, no seu entender, que ameaças poderão existir que coloquem em causa o desenvolvimento pleno de uma parceria? Q8- Considera que todas as entidades no Concelho reconhecem a intervenção social em parceria como mais valia? Se não, porquê?	Garantido um ambiente informal na realização das entrevistas, por forma a que os técnicos/ dirigentes envolvidos na investigação se sentissem o mais descontraídos possível nesta recolha de opiniões sobre a área da intervenção social em parceria, no Concelho de Silves.
III – Trabalho desenvolvido e a desenvolver	✓ Conhecer as oportunidades para a intervenção social em parceria. ✓ Conhecer as intervenções a melhorar no Concelho de Silves ao nível da intervenção social em parceria. ✓ Identificar boas práticas.	Q9– Do seu ponto de vista existem oportunidades por explorar, para este tipo de intervenção? Consegue identificar algumas? Q10– Quais os aspectos que considera que deverão ser melhorados ao nível da rede de parceiros existente no Concelho de Silves? Q11– Nesta matéria o que é que pode (vir a) ser considerado uma boa prática, a adaptar noutros Concelhos?	
IV – Entidades	✓ Conhecer o entendimento deste tipo de intervenção pelas entidades que os atores da investigação representam. ✓ Conhecer o entendimento por parte dos atores da investigação de quem beneficia com este tipo de intervenção. ✓ Conhecer o ponto de vista dos técnicos/dirigentes envolvidos na investigação, sobre quais as entidades que se destacam pela intervenção social em parceria no Concelho de Silves.	Q12- Numa escala de 0 a 5 que importância dá a entidade que representa a uma intervenção social em parceria? Q13– Para si, quem são os principais beneficiados no desenvolvimento de uma intervenção social em parceria? Q14– Da sua experiência na Rede, quais as entidades que se destacam na intervenção social em parceria, no Concelho?	
V – Percepções	✓ Conhecer o entendimento dos atores envolvidos na investigação sobre o que se espera deste tipo de intervenção, do que depende e qual o futuro para a mesma.	Q15- Na sua opinião, o que se espera de uma intervenção social em parceria? Q16- Do que mais depende o sucesso de uma intervenção social em parceria? Q17- Qual o futuro para a intervenção social em parceria, daqui a 10 anos?	

Anexo 2 – Guião de Entrevistas

Entrevista para realização de estudo sobre a Intervenção Social em Parceria, na perspectiva dos elementos representantes das entidades que compõem o Conselho Local de Ação Social de Silves

Introdução

Esta entrevista semi-diretiva, com questões abertas, destina-se a conhecer o entendimento dos elementos que compõem o CLAS de Silves, sobre a pertinência, vantagens e desvantagens do desenvolvimento da intervenção social em parceria.

Características gerais do estudo

Perfil do entrevistado: Representante de entidade que compõe o CLAS de Silves
Critérios para definição das entidades/representantes a entrevistar (Amostra):

- 1- Entidade com representação no CLAS de Silves
- 2- Representante da entidade
- 3- Várias áreas de formação académica
- 4- Experiência no desenvolvimento da intervenção em parceria no concelho
- 5- Dinamizadores de projetos/respostas em parceria no concelho

Tema da entrevista: A intervenção social dinamizada em parceria, vantagens e desvantagens, o caso da Rede Social de Silves

Objectivo: Conhecer a opinião dos representantes de 6 entidades que compõem o CLAS de Silves, com maior intervenção no Concelho, sobre o entendimento da Intervenção Social em Parceria.

Questões

Entrevista _____

Data:

Local:

Hora de início:

Hora de fim:

Perfil do entrevistado

Sexo:

Idade:

Habilitações Literárias:

Tempo de serviço:

Tempo de serviço ao nível da intervenção em parceria:

Entidade que representa:

Dimensão I - Parceria

Q1- O que é para si uma parceria?

Q2- Que tipo de experiência profissional tem a este nível?

Q3- No seu entender porquê e como se criam parcerias?

Dimensão II – Intervenção Social em Parceria

Q4- Na intervenção social o que considera como pontos fortes, numa intervenção em parceria? Quais os pontos fracos?

Q5- Numa escala de 0 a 5, que importância tem para si o trabalho em parceria? Quais as vantagens e desvantagens dessa intervenção?

Q6- O que mudou no seu trabalho desde que desenvolve uma intervenção em parceria? Porquê?

Q7- Da intervenção social desenvolvida no Concelho, no seu entender, que ameaças poderão existir que coloquem em causa o desenvolvimento pleno de uma parceria?

Q8- Considera que todas as entidades no Concelho reconhecem a intervenção social em parceria como mais valia? Se não, porquê?

Dimensão III – Trabalho desenvolvido e a desenvolver

Q9- Do seu ponto de vista existem oportunidades por explorar, para este tipo de intervenção? Consegue identificar algumas?

Q10- Quais os aspectos que considera que deverão ser melhorados ao nível da rede de parceiros existente no Concelho de Silves?

Q11- Nesta matéria o que é que pode (vir a) ser considerado uma boa prática, a adaptar noutros Concelhos?

Dimensão IV – Entidades

Q12- Numa escala de 0 a 5 que importância dá a entidade que representa a uma intervenção social em parceria?

Q13- Para si, quem são os principais beneficiados no desenvolvimento de uma intervenção social em parceria?

Q14- Da sua experiência na Rede, quais as entidades que se destacam na intervenção social em parceria, no Concelho?

Dimensão V – Percepções

Q15- Na sua opinião, o que se espera de uma intervenção social em parceria?

Q16- Do que mais depende o sucesso de uma intervenção social em parceria?

Q17- Qual o futuro para a intervenção social em parceria, daqui a 10 anos?

Anexo 3 – Caracterização dos Entrevistados

Entidade	Entrevistados				
	Idade	Género	Habilitações	Tempo de Serviço	Tempo de serviço na Intervenção Social em Parceria
A CPCJ	42	Masculino	Direito	19 anos	13 anos
B Centro de Saúde	48	Feminino	Enfermagem	27 anos	15 anos
C Banco Alimentar – Algarve	42	Masculino	Gestão e Marketing	23 anos	10 anos
D Segurança Social	59	Feminino	Serviço Social	25 anos	25 anos
E Santa Casa de Silves	40	Masculino	Economia	17 anos	15 anos
F Câmara Municipal	43	Feminino	Engenharia Agrónoma	25 anos	25 anos

Anexo 4 – Quadro da Análise de Conteúdo

Categoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto	Identificação
Parceria	Experiência Profissional Criação de Parcerias Motivo para criação de parcerias Objetivos comuns Intervenção conjunta	<i>...é o fruto de uma relação simbiótica, em que duas ou mais instituições colaboram, com os meios e recursos que têm para a concretização de um fim comum... trabalham as duas para o benefício da comunidade...</i>	A1
		<i>É dar e receber.</i>	C1
		<i>... várias pessoas, ou várias instituições que trabalham pelo mesmo objetivo, ou em prol do mesmo objetivo, auxiliando-se mutuamente</i>	E1
		<i>...trabalha em parceria em diversas vertentes e áreas de intervenção. As parcerias são no fundo sinergias, que surgem de necessidades e que originam um trabalho conjunto...</i>	F2
		<i>As parcerias criam-se porque nós vivemos em sociedade...</i>	A3
		<i>... não se pode trabalhar sozinho...</i>	B3
		<i>... pela velha história de que ninguém é uma ilha...</i>	D3
		<i>Porquê? As parcerias criam-se porque as pessoas ou as instituições reconhecem na sociedade alguma lacuna.</i>	E3
		<i>... a grande vantagem da parceira, é fazer caminhos diferentes e não os caminhos que os outros já fizeram.</i>	C3
		<i>... a chamada congregação de esforços e rentabilização de recursos.</i>	F3
<i>A parceria é sempre para melhorar a nossa situação em prol dos outros, corrigindo uma lacuna que existia quer em nós, quer nos outros.</i>	E3		
Intervenção Social em Parceria	Pontos Fortes	<i>...o ponto forte e o ponto fraco é o mesmo.</i>	A4
		<i>...pontos fortes são... para já é o conhecimento que se tem de todas as entidades que possam no fundo...</i>	B4
		<i>...pontos fortes...partilha de conhecimentos, partilha de informações e partilha de recursos.</i>	D4
		<i>Os pontos fortes... aos contributos de cada um numa parceria, os seus conhecimentos e os recursos ...</i>	F4
		<i>... ponto forte é o trabalho técnico da</i>	E4

		<i>Câmara, do Banco Alimentar... ... parcerias e aqui em Silves socialmente acho que têm vindo a ganhar mais espaço exatamente por causa da crise.</i>	
	Pontos Fracos	<i>...desconhecimento é uma desvantagem...</i>	B4
		<i>... nível de dependência que existe entre as instituições, em termos financeiros, da segurança social...</i>	C4
		<i>... fraco envolvimento de alguns parceiros.</i>	D4
		<i>... instituições olham muito ainda para si... per si... não olham numa abrangência local...</i>	E4
		<i>...diferentes pontos de vista, níveis, ritmos e formas de trabalhar dos parceiros.</i>	F4
	Parceira Intervenção Social	<i>Isto não é uma coisa de competição, nem é uma concorrência é o trabalhar para um fim comum.</i>	A4
		<i>Eu acredito que o trabalho em rede pode fazer a mudança porque é a cultura do exemplo...</i>	C4
		<i>O trabalho em parceria... requer tempo... ... visando um propósito comum, um alto nível de confiança entre os parceiros, e uma grande capacidade de se gerirem as diferenças e /ou conflitos... ...nível de confiança... que existe entre os envolvidos.... Um dos factores mais importantes para a qualidade da parceria é o grau de confiança uns nos outros.</i>	D5
		<i>...a parceira permite um conhecimento diferente daquilo que cada instituição tem... Conseguimos ter uma visão diferente da nossa própria visão.</i>	E5
	Importância	<i>... tenho a percepção real do Concelho...</i>	B6
		<i>...relativizei a minha vida e os meus problemas.</i>	C6
		<i>...Perspetiva de desenvolver um trabalho em prol do benefício comum...</i>	D6
		<i>Abriu-me o horizonte e os conhecimentos sobre a área social...</i>	E6
	Trabalho desenvolvido e a desenvolver	Ameaças	<i>A má comunicação entre as pessoas, a falta de recursos humanos... objetivos não afinados...</i>
<i>... o receio de não quererem partilhar...</i>			C7
<i>...não existir a capacidade de ser flexível... ...os problemas podem resolver-se partindo do princípio que tem de se fazer com aquilo que se tem...</i>			D7

		...falta de recursos económicos pode por em causa o funcionamento de uma parceria... honestidade e a transparência suficiente numa parceria a mesma também não resulta e põe-se em causa...	E7
		... o ritmo de trabalho diferente das instituições, mas também o não cumprimento por parte das mesmas no que respeita ao que se propõem...	F7
		... existem medos.	C8
		... são as capelinhas...às vezes acho que faço melhor e entro em conflito direto com essa pessoa....	7A
		Porque as entidades quando entram numa parceria muitas vezes, não é por um objetivo comum e sim na busca de um objetivo direcionado para a própria instituição ...	F8
		...quanto mais próximos trabalhamos mais oportunidades vamos descobrir...	A9
	Oportunidades Boas práticas	... o alargar de algumas respostas não só ao Concelho, mas ao âmbito distrital e até quem sabe ao nível nacional...intervenção supraconcelhia...	F9
		Se pensarmos bem há muita coisa que se pode explorar...	D9
		Uma boa rede social permitiu-nos viver socialmente estáveis... A rede social funcionou, desarticulada é certo, com muitas falhas é certo, estamos cá todos para assumir essa responsabilidade, mas foi graças a nós que isto aconteceu	C10
		...o trabalho em rede leva muito tempo até atingirmos o bom... leva muito tempo, mas já está muito melhor, mas ainda pode melhorar muito.	D10
		Ou as pessoas estão efetivamente em parceira e trabalham, ou estar só de nome de nada adianta, não é suficiente.	F10
		Mais reuniões com mais ação, é tentar que as pessoas sejam mais proactivas naquilo que é a sua intervenção.	B10
		Construa-se a rede e ultrapassem-se os umbigos...sem cercas nem barreiras.	C11
		A boa prática que acho existir é basicamente a proximidade que é feita entre os elementos do CLAS.... ...deve-se muito à interlocução e a quem dinamiza este tipo de intervenção.	F11

Entidades	Importância	<i>Dá toda, é cinco...sem a parceria nós não existíamos...</i>	A12
	Beneficiados Boas práticas	<i>Os principais é a comunidade no todo... pode existir uma resposta particular para uma situação, mas tem que se refletir no todo que é a comunidade...</i>	A13
Percepções	Esperado	<i>... utopicamente é a melhoria da sociedade, no seu todo. ...esperamos é que essa parceria em primeiro lugar funcione e que ela consiga dar resposta aos problemas...</i>	A14
		<i>...respostas concretas às situações...respostas concretas para problemas locais...</i>	D15
	Sucesso da intervenção	<i>Tempo, confiança e envolvimento...</i>	D16
		<i>Depende da intervenção ativa dos parceiros.</i>	F16
	Futuro	<i>...a crise vem nos mostrar que nós não podemos estar a fracionar-nos ... juntos ficaremos separados cairemos...</i>	A17
		<i>...Rede Social é para ajudar a levantar, não é para nos levar ao colo a vida toda.</i>	C17
		<i>...vejo este trabalho como insubstituível... Portugal 2020, se existe critério bastante valorizado é o trabalho em parceria.</i>	E17
		<i>...porque a parceria é também um trabalho que se aprende e com o passar dos anos é possível detetar os pontos fracos e os pontos fortes e o todo vai melhorando.</i>	F17
		<i>Não vão existir projetos para todos, não vai haver dinheiro para todos e a necessidade vai continuar a fazer sentir-se... e temos que olhar para isto como uma resposta que as instituições têm de dar. ...As coisas vão ter que se reequilibrar e é pena que tenha que ser a força da ausência do dinheiro e não pela vontade das pessoas... ... acredito que no futuro algumas instituições vão cair, mas as que ficarem vão perceber que juntas é que vão conseguir avançar e serão necessários estes órgãos de cúpula não para saber o que outros fazem, mas para uma maior articulação e coordenação.</i>	A17

**Anexo 5 – Quadro Resumo da Análise de Conteúdo das
Entrevista**

Dimensão	Questões	Entidades					
		A	B	C	D	E	F
		CPCJ	Centro de Saúde	Banco Alimentar	Segurança Social	Santa Casa da Misericórdia de Silves	Câmara Municipal de Silves
Parceria	1	<i>...é o fruto de uma relação simbiótica, em que duas ou mais instituições colaboram, com os meios e recursos que têm para a concretização de um fim comum... trabalham as duas para o benefício da comunidade...</i>	<i>... conjunto de entidades a título individual ou coletivo que se une para atingir um objetivo comum, dentro de uma área específica de intervenção... ... know-how, esse conhecimento... ... trabalharmos com uma visão comum, global para atingirmos um objetivo...</i>	<i>... trabalhar efetivamente com alguém. É dar e receber.</i>	<i>... uma forma de promover respostas coordenadas para problemas mais complexos.</i>	<i>... várias pessoas, ou várias instituições que trabalham pelo mesmo objetivo, ou em prol do mesmo objetivo, auxiliando-se mutuamente</i>	<i>...juntar de energias, um juntar de forças, para atingir um objetivo comum...</i>
	2	<i>...porque temos medo de partilhar a informação e isso é um receio que nunca pode existir. Se eles partilham conosco, nós também temos que partilhar com eles.</i>	<i>e também um pouco de consultoria, dar apoio quando é necessário, o nosso parecer numa área mais específica, mas damos todos um pouco, do nosso conhecimento para um conjunto de intervenções no âmbito social.</i>	<i>...procuro sempre o trabalho em parceria... ... tem de haver sempre um equilíbrio na relação.</i>	<i>... desde que entrei para o serviço... em 1989. ...nota-se uma maior responsabilização dos parceiros... ...processo de colaboração e partilha de conhecimentos e recursos.</i>	<i>Já há muitos anos.</i>	<i>...trabalha em parceria em diversas vertentes e áreas de intervenção. As parcerias são no fundo sinergias, que surgem de necessidades e que originam um trabalho conjunto...</i>
	3	<i>As parcerias criam-se porque nós vivemos em sociedade... quanto mais instituições tiverem mais perspetivas, melhor será a resposta para</i>	<i>não se pode trabalhar sozinho Era o que acontecia antigamente. Nós estamos a mudar isso, para que não</i>	<i>Não sei como se criam parcerias... ...fazem sentido existir... podemos atalhar caminho... ...se a parceria for</i>	<i>...pela velha história de que ninguém é uma ilha... ... a parceria está focada para dois resultados: preventivos ou reativos.</i>	<i>Porquê? As parcerias criam-se porque as pessoas ou as instituições reconhecem na sociedade alguma lacuna. Como? Sobretudo porque não</i>	<i>... porque existe um objetivo comum a alcançar e muitas vezes pela necessidade também</i>

		esse problema.	haja sobreposição de recursos, sobreposição de ações a pessoas que também são o alvo da intervenção	verdadeiramente constituída e genuína, ganhamos todos... ..grande vantagem da parceira, fazer caminhos diferentes e não os caminhos que os outros já fizeram.	...todos trabalhássemos de forma a prevenir acontecimentos negativos... mas isso é quase impossível... ... flexível, aberta, abrangente... ...um objetivo comum, para benefício do todo, tendo em conta os recursos comunitários existentes	têm recursos para poder corrigir essa lacuna, procuram com outro formar uma equipa, formar uma rede, uma parceria, para que possam concretizar esse objetivo e suprimir essa lacuna. A parceria é sempre para melhorar a nossa situação em prol dos outros, corrigindo uma lacuna que existia quer em nós, quer nos outros.	de formação dessas mesmas parcerias... ... a chamada congregação de esforços e rentabilização de recursos.
Intervenção Social em Parceria	4	...o ponto forte e o ponto fraco é o mesmo. ...a partilha de informação e com aquilo que eu sei e o que posso dar ao outro... ...grande problema que está aqui tem a ver com o vencer a resistência inicial... Isto não é uma coisa de competição, nem é uma concorrência é o trabalhar para um fim comum... ...temos várias instituições a trabalhar para o seu fim e não para um fim comum e como tal, entram nas parceiras mas não entram de corpo e alma. ... é a compreensão do que é a parceria e como é que eu liberto informação e o que é que eu quero e espero dessa parceria.	pontos fortes são... para já é o conhecimento que se tem de todas as entidades que possam no fundo... ter uma intervenção positiva em prol dos utentes, das pessoas... acho que aí reside a maior força, esse é o aspeto mais positivo, depois também é o dar a conhecer aquilo que cada um pode fazer... ...desconhecimento é uma desvantagem... ... objetivo, das pessoas se conhecerem, quer ao nível pessoal, quer ao nível das instituições e facilitar os contatos, as pontes e isso é tudo vantagens. Se trabalhamos as mesmas pessoas não podemos trabalhar isoladamente, independentemente do	pontos fracos ... nível de dependência que existe entre as instituições, em termos financeiros, da segurança social... ... há uma política de medo, mas isso é transversal ao País... ...as parcerias podiam ser uma mais valia para procurar soluções de financiamento, porque as instituições têm de ser autossustentáveis. ... as parcerias podem ser importantes para se olhar para o tecido social numa lógica que é as pessoas e não as medidas... ... trabalhar a rede genuinamente vai ter de acontecer, mais que não seja porque o apoio social é	Pontos fracos... fraco envolvimento de alguns parceiros. ...pontos fortes...partilha de conhecimentos, partilha de informações e partilha de recursos.	ponto fracos... instituições olham muito ainda para si... per si... não olham numa abrangência local... ...escondem o jogo e isso para uma parceria não é bom. ...pontos fortes ...também há quem olhe para o Concelho e aí há pessoas nos lugares onde estão, que conseguem olhar de forma diferente ao que as instituições individualmente pensam e tentam e procuram que as entidades trabalhem em parceria. ... ponto forte é o trabalho técnico da Câmara, do Banco Alimentar... ... parcerias e aqui em Silves socialmente acho que têm vindo a ganhar mais espaço exatamente por causa da	Os pontos fortes... aos contributos de cada um numa parceria, os seus conhecimentos e os recursos ... pontos fracos...diferentes pontos de vista, níveis, ritmos e formas de trabalhar dos parceiros.

			<p>público com quem intervimos. Este é o ponto fraco, ainda temos um longo caminho a percorrer.</p>	<p>uma antítese. ... as parcerias se devidamente trabalhadas podem corrigir isso e focarmo-nos para aquilo que todos estamos que é a pessoa, a família, o agregado. ... portanto alguém tem de fazer diferente... Eu acredito que o trabalho em rede pode fazer a mudança porque é a cultura do exemplo... ...o exemplo dá a todos coragem, conforto para saber que não estou sozinho. ... há várias pessoas a pensar da mesma maneira e por isso em conjunto podemos fazer melhor, temos mais</p>		<p>crise. A crise económica trouxe uma visão diferente às instituições. As instituições perceberam que não podem andar a fazer concorrência uns aos outros, porque já não existe oferta para isso tudo e agora começaram a auxiliar-se uns aos outros... ... se as pessoas deixarem de olhar apenas para os seus umbigos e trabalharem em parceria, nós fazemos um trabalho mais amplo, mais complexo e muito melhor para quem o recebe. Portanto a forma de trabalhar de cada um trás sempre mais valias para a parceria social...</p>	
5	<p>... daria um 5... ...isto funciona em parceriaas grandes vantagens... é o conhecimento generalizado da situação... nós vivemos em sociedade... são pessoas diferentes, que têm as suas maneiras de ser e estar e que às vezes há fásca... ...a desvantagem de forma alguma supera a grande vantagem que há.</p>	<p>Cinco, o máximo. Nós não conseguimos trabalhar sozinhos... As pessoas estão focadas nos seus objetivos, nas suas coisas, no seu próprio umbigo, nos seus problemas...</p>	<p>É cinco claramente... ...em conjunto somos mais fortes, e duas cabeças pensam melhor que uma e três melhor que duas... Se trabalharmos em conjunto criamos mais valias, criamos conhecimentos, encurtamos caminhos, chegamos mais longe e mais depressa. ... o trabalho em rede vai precisamente criar esses</p>	<p>Cinco... O trabalho em parceria... ... visando um propósito comum, um alto nível de confiança entre os parceiros, e uma grande capacidade de se gerirem as diferenças e /ou conflitos... ...nível de confiança... que existe entre os envolvidos... Um dos factores mais importantes</p>	<p>Quatro... a parceira permite um conhecimento diferente daquilo que cada instituição tem... Conseguimos ter uma visão diferente da nossa própria visão.</p>	<p>...nitidamente cinco... são os pontos fortes e fracos já identificados.</p>	

				<p><i>equilíbrios, anular as fraquezas, os pontos fracos, melhorá-los criar outro caminho ou reinventá-lo e torna-los pontos fortes. Ao dar eu também vou receber, porque eu não vou dar sozinho... outros há que também vão dar...</i></p>	<p><i>para a qualidade da parceria é o grau de confiança uns nos outros.</i></p>		
6	<p><i>Mudou a forma com as pessoas entendem a CPCJ</i></p>	<p><i>... tenho a percepção real do Concelho, não só do ponto de vista de saúde, mas de todas as outras áreas de intervenção, infância, juventude, comunitária, sociais...</i></p> <p><i>... conhecemos também as dinâmicas, consegues fazer a diferença entre as várias instituições que estão a trabalhar nas diferentes freguesias do Concelho e entender o que cada uma está a dar...</i></p> <p><i>... adaptação e do crescimento que temos assistido tem sido para mim uma das mais valia do trabalho em parceira e temos feito muita coisa...</i></p> <p><i>Eu acho que temos crescido em termos de parceria mas procuramos não trabalhar sozinhos... agora há um trabalho que tem de ser feito...</i></p>	<p><i>...relativizei a minha vida e os meus problemas.</i></p> <p><i>...relativiza a nossa vida e olhamos para a sociedade de uma forma bem diferente.</i></p>	<p><i>...Perspetiva de desenvolver um trabalho em prol do benefício comum...</i></p> <p><i>Não estás sozinha, não te sentes sozinha com um problema às costas.</i></p>	<p><i>Abriu-me o horizonte e os conhecimentos sobre a área social...</i></p>	<p><i>...sempre desenvolvi um trabalho em parceria...</i></p> <p><i>... necessidade de se juntarem quer os recursos quer os conhecimentos, das partes envolvidas numa intervenção em parceria.</i></p>	

	<p>7</p>	<p>...são as capelinhas... ... vezes acho que faço melhor e entro em conflito direto com essa pessoa... ... ideal seria trabalhar num mesmo pé de igualdade... que por vezes nós esquecemos que representamos uma instituição, que está acima das nossas relações de gostar de um ou de outro.... Representamos instituições e mesmo que já não estejamos cá elas vão continuar a existir... mas acho que os parceiros ainda não chegaram lá...</p>	<p>A má comunicação entre as pessoas, a falta de recursos humanos... objetivos não afinados... ...todas qual é o objetivo de uma parceria é fácil...</p>	<p>ameaças talvez a principal e única seja a verdadeira vontade das pessoas trabalharem em rede e se juntarem o receio de não quererem partilhar... ... ultrapassando esta questão tudo se faz e isto é transversal, não é só no Concelho de Silves. ... todos temos muito para dar e muito para aprender... principal obstáculo no trabalho em Rede é o Estado... O Estado incentiva as parcerias mas o problema é a concertação... dentro desta cerca... você pode ir, mas só até ali... é condicionar o pensamento. Não há cercas, há que agitar e pôr em causa... porque se olharmos isto com humildade e entendermos que também nós estamos sempre em construção, vamos sempre aprender com quem temos à volta da nossa mesa isto vai dar uma mudança efetiva... Deveria haver uma perspetiva pelo todo e não é o que acontece.</p>	<p>...não existir a capacidade de ser flexível... ...os problemas podem resolver-se partindo do princípio que tem de se fazer com aquilo que se tem... Cada entidade envolvida contribui com o que tem, o projeto é de todos. Cada entidade está muito virada para as suas coisas... Todos nos desculpamos com o trabalho que temos, com o tempo que não temos... mas para mim essa é uma falsa questão.</p>	<p>...falta de recursos económicos pode por em causa o funcionamento de uma parceria... honestidade e a transparência suficiente numa parceria a mesma também não resulta e põe-se em causa...na intervenção social não existem critérios muito bem definidos e igualitários para todos essa parceria pode não resultar.</p>	<p>... o ritmo de trabalho diferente das instituições, mas também o não cumprimento por parte das mesmas no que respeita ao que se propõem...</p>
--	-----------------	---	---	---	---	--	---

	8	<i>...pessoas olham para aquilo como algo que só faz falta quando nos é necessário... eu preciso de ir ao CLAS porque preciso de um parecer... porque quero fazer qualquer coisa... ... "meu" problema resolvido é uma resposta social que me ultrapassa...</i>	<i>Sinceramente não! ...é um meio para atingir um fim... mas se calhar esquecemos um bocadinho do resto. ... o todo é constituído por várias partes... O tempo ...nunca ninguém tem tempo para nada, o tempo faz-se é só queremos.</i>	<i>Ainda não, mas aos poucos chegaremos lá. ... existem medos.</i>	<i>Acho que sim... ...só há a ganhar com isso. Mas talvez encontres mais estes bloqueios ao nível das instituições particulares...</i>	<i>Nem todos... Só olham para eles próprios</i>	<i>Não... não reconhecem. Porque as entidades quando entram numa parceria muitas vezes, não é por um objetivo comum e sim na busca de um objetivo direccionado para a própria instituição ... Município, visamos o bem da comunidade no seu todo, mas esta postura não ocorre com a maioria das instituições...</i>
Trabalho desenvolvido e a desenvolver	9	<i>Eu acho que háquanto mais próximos trabalhamos mais oportunidades vamos descobrir... ...o CLAS tinha uma oportunidade de ser um órgão de cúpula de tudo o que é a resposta social no Concelho de Silves...</i>	<i>Há imensas. ... planos são feitos mas depois às entidades falta-lhes o interesse, não se envolvem, mas também é importante que se saiba qual é o nosso papel como é que o mesmo se vai concretizar, e passar mais à ação, é o que sinto.</i>	<i>...trabalho que estamos a fazer ao nível do grupo de trabalho alimentar...</i>	<i>Existem. Existem sempre... ...poderíamos ser mais inovadoras, com aquilo que se tem... ...ser mais criativos nas nossas respostas. Se pensarmos bem há muita coisa que se pode explorar...</i>	<i>Existem... existe tanta coisa... doença mental... Apoio à vítima de violência doméstica... apoio aos sem-abrigo,</i>	<i>Com certeza que existem... o alargar de algumas respostas não só ao Concelho, mas ao âmbito distrital e até quem sabe ao nível nacional... ...intervenção supraconcelhia...</i>
	10	<i>...alguma ação desse sensibilização junto de todos os parceiros para a necessidade de assumirem o seu papel de corpo e alma... ... mas se calhar era algo que se deveria fazer... para perceber se</i>	<i>Mais reuniões com mais ação, é tentar que as pessoas sejam mais proactivas naquilo que é a sua intervenção. Dizem: eu vou... passar à ação, é reunir, trabalhar, planificar, definir</i>	<i>...descer do nível de CLAS e criar grupos de trabalho efetivos sobre diferentes matérias. se não tivéssemos tido uma rede forte tínhamos tido convulsões sociais graves e</i>	<i>Talvez criar mais espaços de interação, uns com os outros... ...o trabalho em rede leva muito tempo até atingirmos o bom... leva muito tempo, mas já está muito melhor,</i>	<i>...as relações institucionais, entre as várias organizações... ... pessoas têm de ter uma atitude proativa e só assim é que a Rede Social pode avançar.</i>	<i>É chamar as entidades à responsabilização nas parcerias onde estão envolvidas... Ou as pessoas estão efetivamente em</i>

		<i>as pessoas não vão porque não querem, não estão interessadas, ou se acham que aquilo não faz sentido.</i>	<i>tarefas.</i>	<i>no limite tínhamos tido focos de desordem pública. E estamos a falar de violência, estamos a falar de saque, de roubo, o que acontece em tantos outros países, em que tínhamos o nosso património casas e carros vandalizados, lojas e bancos vandalizados e as pessoas ainda não perceberam a gravidade disto. Uma boa rede social permitiu-nos viver socialmente estáveis. E no caso concreto do Algarve ainda vai mais além. Se nós tivéssemos vivido uma situação de convulsão na região, tínhamos a principal fonte de riqueza da região anulada ou completamente estropiada, que é o turismo. A rede social funcionou, desarticulada é certo, com muitas falhas é certo, estamos cá todos para assumir essa responsabilidade, mas foi graças a nós que isto aconteceu.</i>	<i>mas ainda pode melhorar muito.</i>		<i>parceira e trabalham, ou estar só de nome de nada adianta, não é suficiente.</i>
11	<i>...o Projeto “Quebra Nozes”. Esse foi um projeto engraçado que procurou dar uma reposta a um vazio... que existia. ... ao terminar voltou a lançar</i>	<i>Não está perfeito mas há uma tentativa de trabalhar em conjunto... nós estamos a ir pelo bom sentido, falta limar arestas...</i>	<i>Construa-se a rede e ultrapassem-se os umbigos. ...sem cercas nem barreiras.</i>	<i>A proximidade que o NLI de Silves tem com algumas juntas de freguesia e uma ou outra IPSS no que respeita ao acolhimento de</i>	<i>...por exemplo o Banco Alimentar e das reuniões que temos feito... ...os critérios devem ser definidos, com objetividade...</i>	<i>A boa prática que acho existir é basicamente a proximidade que é feita entre os</i>	

		<i>uma sombra sobre todo aquele bairro, que importava ter atenção... porque é um bairro complicado, uma zona difícil...</i>			<i>beneficiários mais desfavorecidos... ...alguns desses projetos resultaram em contratações e mudança de atitude, dos indivíduos envolvidos, face ao trabalho. O trabalho que esses parceiros têm vindo a desenvolver é louvável.</i>		<i>elementos do CLAS... ...deve-se muito à interlocução e a quem dinamiza este tipo de intervenção.</i>
Entidades	12	<i>Dá toda, é cinco... ...sem a parceria nós não existíamos...</i>	<i>Um cinco</i>	<i>É o cinco. ...o importante são as pessoas. Digo envolver, não dar por dar... Às vezes nem é preciso tanto dinheiro assim, basta ser criativos...</i>	<i>Cinco, nós só funcionamos em parceria...</i>	<i>Cinco...</i>	<i>Dou cinco.</i>
	13	<i>Os principais é a comunidade no todo... pode existir uma resposta particular para uma situação, mas tem que se refletir no todo que é a comunidade...</i>	<i>Todos os intervenientes, desde o utente às próprias instituições. Está mais que provado que o trabalho em parceria é muito importante, por isso é só pôr em prática.</i>	<i>...pessoas, as famílias, os agregados, a comunidade.</i>	<i>O indivíduo, a família e a comunidade para a qual tu trabalhas... e nós também... Todas as partes envolvidas beneficiam.</i>	<i>Aqueles para quem trabalhamos todos os dias... que são as pessoas</i>	<i>A comunidade no seu todo.</i>
	14	<i>Centro de Saúde, Ministério da Educação, Câmara</i>	<i>... Casa do Povo de Messines é uma entidade que se destaca em muitos aspetos... há outras mais fechadas...</i>	<i>...Casa do Povo de São Bartolomeu de Messines... Por vezes é importante parecerias one to one.</i>	<i>A minha entidade (Segurança Social), a autarquia e o centro de emprego...</i>	<i>Câmara Municipal, Segurança Social, o IEF, as Escolas, as Misericórdias</i>	<i>...destacam no Concelho a este nível são a Casa do Povo de São Bartolomeu de Messines e o Centro Social Espaço Aberto de Pêra...</i>
	15	<i>... utopicamente é a melhoria da sociedade, no seu todo.</i>	<i>Que funcione. Para mim é que funcione para que se</i>	<i>é focar nas pessoas, é o que se espera</i>	<i>...respostas concretas às situações...</i>	<i>...que as pessoas que estão do outro lado entendam que o</i>	<i>...que ela abranja e se dirija ao maior</i>

Percepções		<i>...esperamos é que essa parceria em primeiro lugar funcione e que ela consiga dar resposta aos problemas...</i>	<i>possa fazer as coisas basicamente é isso.</i>		<i>...respostas concretas para problemas locais...</i>	<i>que nós queremos no trabalho em parceria é melhorar as condições de todos.</i>	<i>número de pessoas possível. É certo que nas parcerias nem sempre se consegue atingir o todo, mas o que se espera é que se tente o máximo e que os parceiros possam ter aqui uma intervenção ativa...</i>
	16	<i>Das pessoas e da maneira como se envolvem e da maneira como estão dispostos a dar e receber, depende sempre de tudo isto e da sensibilidade de cada um para estas questões.</i>	<i>Existir um espírito empreendedor e comum... podem trabalhar sozinhas</i>	<i>...é sermos genuínos e sermos nós próprios... é tirarmos os óculos de Alcanena... ... é olhar a 360º e não ter medo</i>	<i>Tempo, confiança e envolvimento...</i>	<i>Da vontade de todos.</i>	<i>Depende da intervenção ativa dos parceiros.</i>
	17	<i>A crise que ainda estamos a viver, faz-nos chamar a atenção para ... olhar para o outro como alguém que nós efetivamente necessitamos... a crise vem nos mostrar que nós não podemos estar a fracionar-nos ... juntos ficaremos separados cairemos... A crise de certa forma veio nos recentrar nesse ponto e isso de certeza que nos irá aproximar... o dinheiro não há para todos, as repostas também não há para todos e ou nos juntamos e vamos pôr cada uma a funcionar a 100% e conseguimos ter uma resposta concertada e equilibrar isto... A</i>	<i>Prevê-se que a economia possa crescer... e então temos de estar preparados para diferentes cenários, perspetivas, panoramas. Eu acho que do ponto de vista social cada vez mais vai ter de haver maior intervenção e não pode ser detentora de um só organismo. Tem de existir concertação. ... têm de estar concertados, caso contrário é um vazio.</i>	<i>Se as redes forem montadas, espero efetivamente estarmos a trabalhar das pessoas para as pessoas. ...Rede social é para ajudar a levantar, não é para nos levar ao colo a vida toda.</i>	<i>...que estejamos todos mais focados no benefício comum... ...porque os seus técnicos não têm autonomia nem condições para construir essa autonomia..... ... de se envolverem de uma forma mais dinâmica... ...quando é dada essa autonomia aos técnicos vê-se logo a diferença na forma como lidam com os problemas, como se envolvem na resolução dos mesmos.</i>	<i>...vejo este trabalho como insubstituível... Portugal 2020, se existe critério bastante valorizado é o trabalho em parceria. Neste momento estando nós numa região que é o Algarve que não tem valorização nenhuma...</i>	<i>...porque a parceria é também um trabalho que se aprende e com o passar dos anos é possível detetar os pontos fracos e os pontos fortes e o todo vai melhorando. ... parceira esteja muito melhor...</i>

		<p><i>crise teve a grande vantagem de nos alertar para o fato de precisarmos do outro e que os recursos não são ilimitados, como tal vamos ter que nos juntar... de qualquer maneira. Não vão existir projetos para todos, não vai haver dinheiro para todos e a necessidade vai continuar a fazer sentir-se... e temos que olhar para isto como uma resposta que as instituições têm de dar. ...As coisas vão ter que se reequilibrar e é pena que tenha que ser a força da ausência do dinheiro e não pela vontade das pessoas... .. acredito que no futuro algumas instituições vão cair, mas as que ficarem vão perceber que juntas é que vão conseguir avançar e serão necessários estes órgãos de cúpula não para saber o que outros fazem, mas para uma maior articulação e coordenação.</i></p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

Anexo 6 – Transcrição das Entrevistas

Entrevistas de A – F

Entrevista para realização de estudo sobre a Intervenção Social em Parceria, na perspectiva dos elementos representantes das entidades que compõem o Conselho Local de Ação Social de Silves

Entrevista A

Data: 23.06.2015

Local: Sala de reuniões CPCJ

Hora de início: 14h45

Duração da entrevista: 55 minutos

Perfil do Entrevistado

Sexo: Masculino

Idade: 42

Habilitações Literárias: Direito

Tempo de serviço: 19 anos

Tempo de serviço ao nível da intervenção em parceria: 13 anos

Entidade que representa: Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Silves (CPCJ)

Dimensão I - Parceria

Q1- O que é para si uma parceria?

Uma parceria...para mim é o fruto de uma relação simbiótica, em que duas ou mais instituições colaboram, com os meios e recursos que têm para a concretização de um fim comum, em que as duas saem beneficiadas e obviamente, que a comunidade também sairá beneficiada, ou seja, trabalham as duas para o benefício da comunidade, vendo assim as instituições realizados os seus objetivos específicos, de dar respostas dentro das suas áreas de competência a um determinado fim específico que a comunidade solicita. Para mim isso é parceria, ou seja, duas ou mais instituições que concorrem para um fim comum em que são beneficiárias colaterais, mas o beneficiário direto será sempre a sociedade no seu todo.

Q2- Que tipo de experiência profissional tem a este nível?

Olha...profissionais...nós aqui na CPCJ estamos a tentar desenvolver uma série de contatos informais, com uma série de instituições para conseguirmos ter... com mais consciência, uma rede de recursos... não para nós CPCJ, mas para os nossos beneficiários que são as crianças e os jovens. Muitas vezes perguntam-nos: o que é que faz a CPCJ? Mas a CPCJ é o reflexo de uma dada sociedade, num dado local... obviamente que as CPCJ's de Lisboa têm uma vastidão de recursos que a CPCJ de Silves não tem... a de Beja terá menos, mas terá mais a de Faro que a nossa, outro tipo de recursos a que poderá jogar a mão. De certa forma a CPCJ congrega todas essas ofertas que a comunidade dá para os jovens. Desta forma é um agente facilitador dentro das instituições e organismos para conseguir dar uma resposta comum. Nessa

conformidade desenvolvemos uma série de reuniões, com alguns organismos, pois nós podemos pensar porque é que estamos a fazer isto mas são coisas que têm de ser feitas. Nós achamos que não faz sentido famílias estarem em acompanhamento no RSI (Rendimento Social de Inserção) e nós não sabemos o que elas estão a fazer na medida. Por isso já tivemos uma reunião com a Lurdes, para percebermos como é que podemos agir e como podemos tornar a equipa do RSI participante nos acordos que estamos aqui a promover. De uma forma mais próxima temos o CAFAP (Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental). Nós entendemos que o CAFAP embora sendo um parceiro da alargada, nunca poderia fazer parte da restrita, porque pretendemos que seja, de certa forma, um “braço armado” da nossa ação, ou seja, à medida que eles aplicam alguma terapia servem de validador da medida proposta que a CPCJ adotou. Eles conseguem dizer-nos: “olha a medida está a funcionar, a medida não está a funcionar, corrija-na neste ou naquele sentido”... por isso essa foi uma das medidas que tomámos, CAFAP na Comissão Restrita não. O CAFAP é um parceiro que nos ajuda a materializar certas coisas, o mesmo para o RSI, embora tenhamos tido a reunião na semana passada para esta questão. Já fizemos o cruzamento de dados, sabemos quem são as famílias efetivamente acompanhadas pelo RSI e as que não são e neste momento o RSI também, vai ser um interveniente do nosso agir. Falta ainda falar com um organismo com quem trabalhamos de perto, na verdade estamos a pensar ter reuniões com mais dois Setores... e esses dois Setores é a Ação Social da Câmara, porque também há acesso a fonte informativa que nós não temos e a Psicologia. Ou seja, nós neste momento e já falámos com a Vereadora sobre o assunto que nos pediu para falar com a Chefe de Divisão, para nós conseguirmos ter de certa forma um apoio ao nível da Psicologia, que é o que as pessoas solicitam e onde nós encontramos o maior problema... o GASMI (Grupo de Apoio à Saúde Mental Infantil) até aos 12 anos, dos 12 para a frente são referenciados para a Psicologia de Portimão e o volume de espera é de um ano... e nós não podemos ter este tempo de espera. Da parte da Ação Social aquilo que nós queremos falar convosco prende-se com as famílias que estão a residir em casas da Câmara e aí há um conhecimento mais vasto de como a casa está, como não está, como funciona lá dentro e isto é de certa forma estabelecer uma rede para que o resultado final possa ser o melhor possível e não olhar para isto como um castelo “privadinho”, nós estamos cá dentro a olhar para... as nossas coisas sem olhar para os parceiros, porque temos medo de partilhar a informação e isso é um receio que nunca pode existir. Se eles partilham connosco, nós também temos que partilhar com eles.

Pronto... isto é aquela experiência que nós estamos a desenvolver com mas intensidade, mas já falámos com as Juntas, com a Câmara, com as IPSS's (Instituições Particulares de Solidariedade Social) todas, vamos agora numa terceira fase falar com as paróquias. O que vamos querer é saber que tipo de recursos é que eles têm, recursos físicos e também alertá-los para estas problemáticas, porque eles também têm catequese e tudo mais e havendo um cruzamento de informação o resultado será

sempre melhor. Obviamente temos que vencer alguns receios, alguns medos, mas com o tempo chegaremos lá.

Q3- No seu entender porquê e como se criam parcerias?

As parcerias criam-se porque nós vivemos em sociedade e se vivemos uns com os outros, se nós estabelecermos relações humanas entre nós, obviamente que entre instituições, para dar uma resposta coerente a um determinado assunto, tem de haver parcerias. Se várias instituições se dedicam a vários assuntos, ou se se dedicam ao mesmo assunto sobre perspectivas diferentes, quanto mais instituições tiverem mais perspectivas, melhor será a resposta para esse problema. É tão simples quanto isso.

Dimensão II – Intervenção Social em Parceria

Q4- Na intervenção social o que considera como pontos fortes, numa intervenção em parceria? Quais os pontos fracos?

Eu acho que o ponto forte e o ponto fraco é o mesmo. E tem a ver com a partilha de informação e com aquilo que eu sei e o que posso dar ao outro e depois a questão é: o que é que o outro vai fazer à informação que eu lhe dei, para atingir o seu resultado, ou seja, o grande problema que está aqui tem a ver com o vencer a resistência inicial e às vezes custa perceber. Isto não é uma coisa de competição, nem é uma concorrência é o trabalhar para um fim comum e o grande problema que temos aqui é que isto parece que temos várias instituições a trabalhar para o seu fim e não para um fim comum e como tal, entram nas parceiras mas não entram de corpo e alma. Há sempre resistências que ficam. Acho que o grande problema aqui é por um lado a partilha de informação e recursos e da pessoa entrar com o espírito ou não e daquilo que a pessoa entenda por parceria, ou seja, se eu entendo que a parceria é para ajudar a minha instituição vai correr mal, ponto final. Não há possibilidade de dar outra volta, ela vai correr mal. Se eu entender que essa parceria é para realizar um bem comum que me transcende, então ela tem alguns motivos para correr bem... agora... é assim... para ela correr bem obviamente que eu tenho que vencer aquela inércia inicial, tenho que ter atenção que eu não posso esconder informação aos meus parceiros e tenho que olhar para o meu parceiro como espero que ele olhe para mim... ou seja, eu não entro numa parceria para tratar das “minhas” crianças... o tratar as “minhas crianças” é uma coisa colateral, eu tenho que tratar de um âmbito mais vasto porque se eu tratar só das minhas crianças, elas vão para uma sociedade e essa sociedade vai continuar a causar os mesmos problemas e constrangimentos que elas tinham quando vieram ter comigo...ou seja....eu tenho que pensar mais vasto, olhar mais longe e obviamente tenho que me expor a ser criticado e tenho que aceitar a crítica e o outro também vai ter que perceber que eu posso criticá-lo, não de um ponto de vista destrutivo, mas de um ponto de vista construtivo. Acho que o seu grande ponto forte pode ser o seu grande ponto fraco, que é a compreensão do que é a parceria e como é que eu liberto

informação e o que é que eu quero e espero dessa parceria. É para mim, é para todos, aqui é que reside o segredo de como funcionar em parceria.

Q5- Numa escala de 0 a 5, que importância tem para si o trabalho em parceria? Quais as vantagens e desvantagens dessa intervenção?

De 0 a 5... daria um 5... porque obviamente aqui na CPCJ ou isto funciona em parceria ou... esqueçamos porque não vai funcionar. As grandes vantagens... é o conhecimento generalizado da situação, generalizado e específico... um pouco estranho mas é verdade. Nós conseguimos ter uma abrangência muito grande se entrarmos de corpo e alma nisto, se eu represento uma determinada instituição, se me apercebo que há um problema que se passa na minha instituição e ninguém disse nada, eu também não vou dizer aquilo que sei... aí não vai funcionar... mas neste caso tem de ser um 5, no caso da CPCJ tem mesmo que ser... se não fosse pela CPCJ, se fosse por mim também daria um 5, porque é fundamental este trabalho, porque como disse há pouco, nós vivemos em sociedade, quer dizer, não estamos aqui todos de portas fechadas... desvantagens... não tem mais ou menos desvantagens do que numa relação humana como outro qualquer... são pessoas diferentes, que têm as suas maneiras de ser e estar e que às vezes há faísca e ferve e há pessoas que têm determinada opinião sobre um determinado rumo ou um determinado objetivo, ou estratégia para chegar a esse objetivo e às vezes há conflitos e nada que não se consiga resolver... partindo do pressuposto que estamos a realizar um bem comum um bem mais geral... e nisso aí a desvantagem de forma alguma supera a grande vantagem que há.

Q6- O que mudou no seu trabalho desde que desenvolve uma intervenção em parceria? Porquê?

Mudou a forma com as pessoas entendem a CPCJ. Grande parte das instituições olhavam para a CPCJ como o velho do saco... ou seja... nós chegávamos, tirávamos as crianças e depois as crianças desapareciam durante um tempo e quando apareciam vinham como que recauchutadas... aquilo que nós conseguimos já mudar é a forma como as pessoas olham para a CPCJ. Eles já se apercebem que retirar crianças é coisa extrema, coisa última, que nós raramente o fazemos... mas já olham para nós como um parceiros, talvez ainda não de corpo inteiro, mas como um parceiro que... antes de fazer qualquer coisa nos consultam com questões como: temos esta situação o que é que vocês acham que deve ser feito? Isto permite-nos duas coisas: tratar do problema a "montante", ou seja, há situações que apresentam algum princípio de perigo que ainda não se verifica, ou que poderá estar latente e que se for tratado logo na primeira linha, numa IPSS, numa creche, ou seja onde for, se for tratado de uma determinada maneira por essa instituição com o nosso apoio, a situação resolve-se e não evolui e isso obviamente traz menos custos, mais benefícios para todos e se essa situação evoluir as pessoas conseguem ter um feedback do que nós andamos a fazer, ou seja, a informação não cessa por as crianças terem entrado aqui, ou seja, elas não entram num deserto onde se perdem, elas continuam a estar aqui não devem ser discriminadas por isso, elas

vêm para aqui, porque precisam de um apoio extra... só isso... Mas esse apoio vai ser dado pela comunidade, nós cá dentro só vamos procurar qual o sítio que poderá dar esse apoio, é isso que neste momento estamos a mudar e isso faz-se com reuniões, com conversas, com mostrar as instalações, com pedirmos informações tão simples como: se vocês fizessem o acordo o que é que colocavam? Ou o que é que vocês, escola, podem dar e o que é que gostavam de colocar? E os acordos tornam-se mais personalizados e mais focalizados para a problemática daquela pessoa, havendo um maior envolvimento do parceiro e ao mesmo tempo eles sabem que fizeram uma sinalização mas que a mesma teve um eco... e obviamente nunca fica comprometida a confidencialidade que o processo tem que ter... como tal para nós tem sido positivo esta ideia de deixarmos de ser o velho do saco, o que nos permite avançar para outras coisas.

Q7- Da intervenção social desenvolvida no Concelho, no seu entender, que ameaças poderão existir que coloquem em causa o desenvolvimento pleno de uma parceria?

Voltamos à mesma questão... são as capelinhas... daquilo que conheço uma das coisas que nos leva às vezes a embirrar com os outros é achar que eu consigo fazer melhor que o outro, numa determinada valência, numa determinada resposta, que o outro já dá, mas que eu não concordo com ele... eu às vezes acho que faço melhor e entro em conflito direto com essa pessoa. Em vez de pensar: "Bem vamos ver se conseguimos melhorar aquela situação, naquele local, partimos para uma situação nova... e isso não vai beneficiar nem um, nem outro. Se houver uma necessidade da comunidade de existir outra valência daquela área, porque aquela não consegue dar resposta, isso é uma coisa, agora quando fazemos por despeito... e isso nós vemos com o movimento associativo... eu pertença a uma determinada associação não gosto de como eles a estão a dirigir, crio outra com os mesmos fins e objetivos para fazer a mesma coisa... mas da maneira como quero... e isto não é trabalhar em parceria, é não perceber o que é viver em sociedade... agente tem de viver neste planeta, por isso vamos fazer a vida o mais agradável possível... temos que trabalhar todos juntos, eu cedo, tu cedes, mas vamos tentar fazer isto e no movimento associativo nota-se com grande intensidade, o ideal seria trabalhar num mesmo pé de igualdade... e agora como Vice-Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Silves nós apercebemo-nos que às vezes há situações que se nós falássemos mais uns com os outros, se calhar contra mim também falo, às vezes não nos estávamos aqui a sobrepor uns aos outros... a fazer todos os mesmo, da mesma maneira... e acho que fazemos todos de maneira diferente e isso se calhar um trabalho que acho que o CLAS (Conselho Local de Ação Social) deve fazer, mas há muita gente que falta. O CLAS era o sítio certo e indicado para toda a gente poder dizer: eu faço isto! Os recursos que disponibilizo são estes e a Câmara, por ser a entidade que gere tudo isto pode ter acesso a esta fonte informativa, que lhe poderia dizer com toda a certeza: eu consigo disponibilizar neste Concelho, isto e isto. Não compete à Câmara ter lares, mas a Câmara deverá através do CLAS saber que no seu Município existem X respostas para esta situação. E poderia avaliar com mais cuidado a necessidade de abrirem mais lares, sejam privados, ou sejam IPSS's. E ainda digo

mais, estejam legais ou não...é um pouco complicado dizer isto mas os ilegais também constituem resposta, para as famílias que necessitam... e aí se calhar havia um papel e voltamos à mesma questão do problema da fonte informativa e dos medos e receios em relação ao outro, até poderia ser um trabalho que o CLAS poderia vir a desenvolver, de olhar para essas instituições, menos legais e dizer: o que é que vos falta para se legalizarem? Era uma resposta correta, não quer dizer que tenham que ter acordo com a Segurança Social e isto acho que é um trabalho que os membros que integram o CLAS não se apercebem... ou não querem perceber... porque senão estavam todos em todas, porque percebiam que eles eram parte importante numa engrenagem que só funciona se estiveram todos a rodar para o mesmo lado... e o CLAS era o sitio indicado para isso acontecer... mas falta aquela sensibilização que resulta da ideia “o que é que eu vou para lá fazer?” e voltamos aos problemas das relações humanas, que por vezes nós esquecemos que representamos uma instituição, que está acima das nossas relações de gostar de um ou de outro, é simpático, antipático, ou seja o que for. Representamos instituições e mesmo que já não estejamos cá elas vão continuar a existir... mas acho que os parceiros ainda não chegaram lá...

Q8- Considera que todas as entidades no Concelho reconhecem a intervenção social em parceria como mais valia? Se não, porquê?

Pois a resposta acho que já está dada, na reposta anterior. Porque honestamente acho que as pessoas olham para aquilo como algo que só faz falta quando nos é necessário... eu preciso de ir ao CLAS porque preciso de um parecer... porque quero fazer qualquer coisa, então eu preciso eu vou lá, se não preciso não vou... porque eu já tenho o meu problema resolvido. Enquanto não percebermos que o “meu” problema resolvido é uma reposta social que me ultrapassa, eu não estou lá a fazer nada, eu nem precisava do parecer, o parecer não é vinculativo, não obriga ninguém, mas dá mais uns pontinhos na avaliação para a Segurança Social e aí voltamos à questão: nós entramos nas parcerias com reservas sempre... eu vou entrar mas vou ver o que me podem dar... mas não vou dizer o que eu posso dar porque se não o outro fica a saber mais do que eu... entra-se nas parcerias com um ou dois pés atrás... chegamos um bocadinho a cabeça à frente para ouvir o que o outro diz... para ver o que eu consigo trazer do que o outro anda a fazer, para na minha instituição fazer diferente, na minha ideia melhor. Há quem diga: “eu trabalho não posso ir!”. No CLAS não têm de estar os dirigentes, se eu mandar uma diretora, uma pessoa que tenha responsabilidade, essa pessoa vincula-me da mesma maneira... e essa pessoa é minha funcionária... essa pessoa sabe por vezes mais que a própria direção, porque trabalha diretamente com as pessoas e a direção não está a tempo inteiro, vai lá uma ou duas vezes por semana, para assinar cheques...acho que há muitas barreiras a ultrapassar... eu tenho tido diferentes experiências em termos de direções de associações, no momento sou Vice-Provedor da Santa Casa de Silves, ao nível associativo o único cargo que atualmente desempenho. Se tu me perguntas se as direções estão muito sensibilizadas para as questões sociais... eu vou dizer que se calhar não... a Santa Casa é aquela por onde passei que mais tem,

por inerência ao que faz. Posso dizer-te, da experiência que tenho, que a parte técnica tem uma grande preponderância... não decidimos nada sem que haja uma informação técnica que nos diga isto deve-se fazer assim... e damos uma grande latitude de ação para os dois diretores agirem da maneira como eles entendem, embora seja uma direção bastante presente. Não é o meu caso, vou lá uma vez por semana à reunião de direção e nas reuniões estou presente, mas todos os outros membros da direção são presenças diárias na instituição, porque são pessoas que estão reformadas... mas damos margem e atuação aos dois diretores, dentro das suas competências... outra coisa que entendemos é que havendo estas parcerias, nós temos de estar presentes... porque entendemos que faz falta estar nessas reuniões, ainda que não seja para decidir nada... ainda que seja apenas para ouvir... mas faz falta... quem não aparece esquece e há instituições que têm uma responsabilidade mais acrescida nos movimentos sociais.

Dimensão III – Trabalho desenvolvido e a desenvolver

Q9– Do seu ponto de vista existem oportunidades por explorar, para este tipo de intervenção? Consegue identificar algumas?

Eu acho que há ... e acho que quanto mais próximos trabalhamos mais oportunidades vamos descobrir... porque nós com certeza nos aperceberemos que há situações que não têm repostas, há situações que têm repostas excessivas e há situações que estão perfeitamente desconhecidas... para nós CPCJ resultou num conhecimento maior do que é o trabalho da CPCJ. Já temos mais proximidade com as escolas, já entramos na escola com grande facilidade, as pessoas já nos conhecem, mesmo nas instituições nós já conseguimos mudar alguma coisa... às vezes é preciso refrescar... as pessoas que estiveram atrás fizeram o seu trabalho e fizeram bem, mas às vezes é necessário refrescar para não se pensar que é tudo igual. Em termos da parceria e das oportunidades, o CLAS tinha uma oportunidade de ser um órgão de cúpula de tudo o que é a resposta social no Concelho de Silves, seja no mais insignificante às questões mais complexas mas podia ser esse grande órgão de cúpula, onde se existissem dúvidas eram colocadas ali e onde a resposta correta, mais precisa, seria sempre dada por lá... acho que esta desarticulação levou a uma série de injustiças, resultado da boa vontade, nalgumas intervenções.

Q10– Quais os aspectos que considera que deverão ser melhorados ao nível da rede de parceiros existente no Concelho de Silves?

Acho que uma das coisas que deveria ser feito era se calhar alguma ação desse sensibilização junto de todos os parceiros para a necessidade de assumirem o seu papel de corpo e alma... ou seja, haver qualquer forma de os poder mobilizar para esta questão de uma forma muito direta, muito precisa de que a presença deles faz falta, ou seja, é um bocado mau quando olhamos para um determinado organismo que devia ser a representação de todos os Municípios, percebermos que há peças que faltam que são fundamentais... a questão que se coloca é: porque é que não vieram? É porque acham

que isto não tem sentido? É porque não têm tempo? É porque não quiseram mandar ninguém? Porquê? Isto merecia ter algum tempo de reflexão. Obviamente que isto é muito fácil de falar, porque quando vamos olhar aos recursos que temos, bater de porta em porta para falar implica tempo... mas se calhar era algo que se deveria fazer... para perceber se as pessoas não vão porque não querem, não estão interessadas, ou se acham que aquilo não faz sentido. Provavelmente não lhes faz sentido um trabalho em rede, pois só vão na medida da sua necessidade e se calhar só mantém a presença neste órgão porque têm receio de perder acesso, perder com a ausência, então a postura é vou mantendo o lugar quente e isso não é bom...

Q11– Nesta matéria o que é que pode (vir a) ser considerado uma boa prática, a adaptar noutros Concelhos?

Houve uma que quando foi pensada, na altura em que pertencia à Direção dos Amigos dos Pequenininos, o Projeto “Quebra Nozes”. Esse foi um projeto engraçado que procurou dar uma resposta a um vazio... que existia. Surgiu de uma forma... olhámos para o que fazia falta de um ponto de vista técnicos que chamou a atenção para essa necessidade... o projeto em si era bastante interessante, dava uma resposta mais próxima a situações que são sempre ... difíceis... e procurava dar uma resposta mais abrangente. Depois o projeto por diferentes cortes orçamentais, acabou por terminar. Atualmente o que existe não foi o pensado inicialmente, criado há cerca de 17/18 anos atrás... em termos de IPSS's foi um projeto interessante. Outro que achei interessante foi o Projeto Bairrismo, que ao terminar voltou a lançar uma sombra sobre todo aquele bairro, que importava ter atenção... porque é um bairro complicado, uma zona difícil... e não se resolve com uma deslocação semanal, bissemanal... implicava que as pessoas estivessem lá, que motivassem a comunidade, que a comunidade olhasse essas pessoas como alguém da própria família... e esse projeto acho que ao terminar foi uma pena... havia uma boa possibilidade de ser feito um caminho de recuperação, não só físico do bairro, mas humana, de uma série de pessoas... que precisam de ser ouvidas e saber que existe alguém que as quer ajudar, sem pedir nada em troca...

Dimensão IV – Entidades

Q12- Numa escala de 0 a 5 que importância dá a entidade que representa a uma intervenção social em parceria?

Dá toda, é cinco... porque sem a parceria nós não existíamos... nós somos fruto de uma parceria... e ao mesmo tempo somos parceiros... como tal sem parceria não há CPCJ.

Q13– Para si, quem são os principais beneficiados no desenvolvimento de uma intervenção social em parceria?

Os principais é a comunidade no todo... pode existir uma resposta particular para uma situação, mas tem que se refletir no todo que é a comunidade, senão se só tratamos das crianças e não tratamos do meio onde elas vivem... a crianças ficou melhorzinha mas

volta para o sitio que lhe faz mal... ou seja, a resposta tem que ser mais abrangente, mais vasta do que aquilo que podemos pensar que possa ser o nosso problema. E aqui essas duas realidades têm espaços de atuação diferentes, porque temos a comissão alargada e a comissão restrita. A alargada mais para a prevenção e o problema sentido no CLAS é o que nós sentimos na comissão alargada, vamos agora com novos projetos tentar puxá-los, embora com a entrada da nova legislação tenho algum receio... porque quem fizer parte da comissão alargada tem de dar oito horas por mês à CPCJ, oito hora por mês é um dia de trabalho... estas pessoas têm que dar um bocadinho do seu tempo para trabalhar na prevenção... e aqui vamos ver como é que os parceiros reagem...

Q14- Da sua experiência na Rede, quais as entidades que se destacam na intervenção social em parceria, no Concelho?

Em primeiro lugar o Centro de Saúde, da experiência que nós temos. A representante da saúde é talvez das mais ativas, depois a da Segurança Social... que é uma pedra toque e uma grande grande grande pedra de toque nesta parceria é a representante do Ministério da Educação... é o interface para tudo nas escolas e... esta representante tem sido uma parceria incansável... obviamente que não vou falar da entidade que represento, porque essa aí vai dando as respostas na medida do que é possível e aquilo que é possível para a Câmara é um mar de disponibilidades. Obviamente que sem a Câmara a CPCJ não existia... porque instalações, funcionários, logística... mais tudo o que é a integração de crianças em atividades, sem custos... a Câmara tem sido um parceiro desde a primeira hora, totalmente incansável e de certa forma o sustentáculo de tudo isto...

Dimensão V – Percepções

Q15- Na sua opinião, o que se espera de uma intervenção social em parceria?

Acho que aquilo que se espera utopicamente é a melhoria da sociedade, no seu todo. Aquilo que nós esperamos é que essa parceria em primeiro lugar funcione e que ela consiga dar resposta aos problemas, pelo menos imediatos que se colocam. É sempre isso que se espera e se isso for conseguido já é bom...

Q16- Do que mais depende o sucesso de uma intervenção social em parceria?

Das pessoas (risos) e da maneira como se envolvem e da maneira como estão dispostos a dar e receber, depende sempre de tudo isto e da sensibilidade de cada um para estas questões. Pois obviamente se estiveram duas pessoas, uma está disposta a dar tudo, a outra está disposta a ouvir e está colada. A parceria até pode funcionar, mas a 100% para um e a 0% para outro. As pessoas por vezes esquecem-se que representam instituições e que as instituições as transcendem e não olham para a instituição que representam como reflexo de uma determinada resposta que a sociedade numa determinada altura pediu e olham para aquilo como uma extensão da sua pessoa, da

sua própria individualidade... e isso vai fazer com que a coisa não corra muito bem... infelizmente.

Q17- Qual o futuro para a intervenção social em parceria?

A crise que ainda estamos a viver, faz-nos chamar a atenção para uma coisa que já tínhamos esquecida... às vezes quando temos muito dinheiro achamos que somos autossuficientes e a crise faz-nos olhar para o outro como alguém que nós efetivamente necessitamos, mais que não seja de um ponto de vista económico... mas nós precisamos do outro... por vários motivos e a crise vem nos mostrar que nós não podemos estar a fracionar-nos cada vez que descoramos... e isto é muito simples, juntos ficaremos separados cairemos, isto não é meu é de um autor inglês que não me recordo o nome, mas a verdade é esta. A crise de certa forma veio nos recentrar nesse ponto e isso de certeza que nos irá aproximar e vencer certos pruridos que tínhamos lá a trás... vamos chegar a uma conclusão... o dinheiro não há para todos, as repostas também não há para todos e ou nos juntamos e vamos pôr cada uma a funcionar a 100% e conseguimos ter uma resposta concertada e equilibrar isto, ou então se ficamos com a nossa capelinha vamos ficar no meio da confusão. A crise teve a grande vantagem de nos alertar para o fato de precisarmos do outro e que os recursos não são ilimitados, como tal vamos ter que nos juntar... de qualquer maneira.

E daqui a 10 anos...

Consigo ver um trabalho em parceria mais forte muito se devendo a esta crise. Cá em Silves houve um Bispo, D. Jerónimo Osório, que uma vez escreveu uma carta ao Cardial Rei D. Henrique, onde analisava a relação entre Portugal e Espanha e ele com alguma visão de futuro propunha ao Rei que Portugal se unisse ao reino de Espanha, usando um argumento muito engraçado: Se podermos fazer por vontade porque é que vamos esperar para fazer pela força? E nós não fizemos pela vontade... nós estamos a fazer pela força do dinheiro, neste caso pela ausência do dinheiro e isso vai-nos fazer juntar... não quer dizer que gostemos do outro, mas vamos ter de gostar.

Não vão existir projetos para todos, não vai haver dinheiro para todos e a necessidade vai continuar a fazer sentir-se... e temos que olhar para isto como uma resposta que as instituições têm de dar. As instituições vão ter de começar a juntar-se, pois não faz sentido em três sítos existirem dez apoios domiciliários, por exemplo, e depois só tenho nove pessoas... As coisas vão ter que se reequilibrar e é pena que tenha que ser a força da ausência do dinheiro e não pela vontade das pessoas... em tempos a manta foi dando, agora já não dá... e corre o risco de se desfazer. É nessa contingência que as pessoas começam a juntar-se e a reconstruir a manta. Eu acredito que no futuro algumas instituições vão cair, mas as que ficarem vão perceber que juntas é que vão conseguir avançar e serão necessários estes órgãos de cúpula não para saber o que outros fazem, mas para uma maior articulação e coordenação. Mais cedo ou mais tarde isso vai acontecer.

Entrevista para realização de estudo sobre a Intervenção Social em Parceria, na perspectiva dos elementos representantes das entidades que compõem o Conselho Local de Ação Social de Silves

Entrevista B

Data: 26.06.2015 Local: Gabinete da Ana Paula Silvestre – Centro de Saúde

Hora de início: 11h25 Duração da entrevista: 54 minutos

Perfil do Entrevistado

Sexo: Feminino Idade: 48 anos

Habilitações Literárias: Enfermagem, especialidade em Saúde Infantil e Juvenil,
Mestrado em Saúde Escolar

Tempo de serviço: 27 anos

Tempo de serviço ao nível da intervenção em parceria: 15 anos

Entidade que representa: Centro de Saúde de Silves

Dimensão I - Parceria

Q1- O que é para si uma parceria?

Um parceria é... um conjunto de entidades a título individual ou coletivo que se une para atingir um objetivo comum, dentro de uma área específica de intervenção, pode ser social, na saúde, etc. E a parceria é no fundo... tens uma área de intervenção e se não tens recursos naquela área temos de recorrer a outros parceiros, neste caso que têm esse know-how, esse conhecimento, que tu não tens e que constitui um grupo de entidades ou pessoas que têm um objetivo comum. Também podemos entender noutro sentido, que é na situação por exemplo, tu tens um programa para colocar em prática e nunca consegues colocar sozinha, precisas sempre dos outros para que junto... no fundo uma parceria implica sempre um conjunto e trabalharmos com uma visão comum, global para atingirmos um objetivo, que pode ter só uma população, um grupo, ou do ponto de vista social mais abrangente. No caso da saúde nós temos de trabalhar obrigatoriamente em parceria porque tocamos várias áreas, porque a saúde tem uma componente social, a relação da pessoa com o meio envolvente porque não estamos sozinhos, na saúde a pessoa não é vista como um ser isolado, sem que sofra influências de vários meios e aí temos sempre que contar com a família, mais restrita, a família mais alargada, a comunidade onde a pessoa está inserida, o bairro e todo um conjunto de apoios necessários quando se quer fazer algum tipo de intervenção, basicamente é uma parceria e nós unirmos esforços para atingir objetivos comuns.

Q2- Que tipo de experiência profissional tem a este nível?

A este nível eu tenho três tipos de experiências, uma na área da saúde infantil, na área da saúde escolar, com um conjunto de parcerias ligadas ao Setor de educação e saúde, mediante o protocolo que assinámos. Ainda no âmbito da saúde a Rede de cuidados continuados que essencialmente só pode funcionar com parcerias, podendo ser entidades privadas, IPSS's e obrigatoriamente com a saúde, que no âmbito dos internamentos, quer no âmbito da equipa de cuidados continuados integrados em temos de apoio domiciliário. E depois a Rede e Social, que tem sido uma experiência de alguns anos, em que nós temos a nossa componente de saúde e como intervimos numa população que pertence a um Concelho, onde quer as IPSS's do Concelho e outros organismos. No fundo nós trabalhamos com um conjunto de pessoas, muitas beneficiárias de RSI e de outras medidas, que necessitam de cuidados de saúde, portanto nós não podemos atender ao utente sem ter a visão de que existem outras necessidades que têm de ser supridas por outras entidades, nunca sozinhos, nós a fazemos a nossa parte da saúde, mas o utente tem outras necessidades e nós fazemos a ponte muitas vezes. O nosso trabalho na Rede Social é um bocado nesse âmbito e também um pouco de consultoria, dar apoio quando é necessário, o nosso parecer numa área mais específica, mas damos todos um pouco, do nosso conhecimento para um conjunto de intervenções no âmbito social.

Q3- No seu entender porquê e como se criam parcerias?

É porque não se pode trabalhar sozinho. Numa comunidade não se pode trabalhar sozinhas. Porque não pode haver intervenções de uma entidade, vais e intervéns e vai outra entidade no mesmo local e faz outra intervenção e não há comunicação e articulação. Era o que acontecia antigamente. Nós estamos a mudar isso, para que não haja sobreposição de recursos, sobreposição de ações a pessoas que também são o alvo da intervenção e acabam por estar um pouco sobrecarregadas e depois não se consegue atingir os objetivos, porque cada um está a trabalhar isoladamente. Portanto as parcerias têm um pouco a ver com isso, que no fundo é um trabalho conjunto com as pessoas.

Dimensão II – Intervenção Social em Parceria

Q4- Na intervenção social o que considera como pontos fortes, numa intervenção em parceria? Quais os pontos fracos?

Os pontos fortes são... para já é o conhecimento que se tem de todas as entidades que possam no fundo... ter uma intervenção positiva em prol dos utentes, das pessoas... acho que aí reside a maior força, esse é o aspeto mais positivo, depois também é o dar a conhecer aquilo que cada um pode fazer, porque muitas das vezes as pessoas desconhecem o que cada entidade está a fazer. Uma das vantagens do trabalho em parceira é essa... é nós conhecermos qual o nosso papel num ponto de vista social, dentro dessa perspetiva o que é que podemos fazer e que respostas muitas vezes devemos conhecer o que é que cada instituição, cada grupo está a desenvolver. O

desconhecimento é uma desvantagem e a vantagem do trabalho em parceira é conhecermos uns aos outros... A Rede Social no fundo tem esse objetivo, das pessoas se conhecerem, quer ao nível pessoal, quer ao nível das instituições e facilitar os contatos, as pontes e isso é tudo vantagens. Se tens um problema numa área específica e sabes que aquela entidade pode dar-te a resposta, se fizeres um planeamento isso são vantagens, se trabalhares sozinho não consegues, é muito difícil. As desvantagens... têm a ver com cada entidade utilizar os seus recursos muito dentro de si próprias e ainda não se habituaram a partilhar, ou seja, cada um ainda está muito preso aos seus objetivos e ainda não conseguiu uma visão mais abrangente da situação, que acho que é o que falta. Temos que dar esse passo. Tudo bem eu faço parte do grupo, estou na rede, a intervenção social faz-se mas só quando eu tenho um problema é que procuro o meu parceiro. Imagina que tens um utente, beneficiário de RSI, está no domicílio acamado e precisa de ajudas técnicas e eventualmente é beneficiário de outras medidas de apoio, vive por exemplo num bairro. Eu acho que deveria haver reuniões, com uma listagem comum de utentes em que se partilhasse um plano de intervenção comum e que permitisse saber o que cada um está a fazer em prol daquele utente, por exemplo. E ainda não se chegou aí... Se eu posso ir naquele dia fazer uma visita, mas preciso de uma avaliação e se sei que existe outra entidade a intervir eu posso perguntar: foste lá? o que achaste? Está tudo bem? Ou se nós vamos fazer um apoio domiciliário podemos partilhar informação, como estava o utente? a família estava lá? O que achaste? Está tudo bem? É isso que falta. Na área da infância já existe algum trabalho, mas falta que as pessoas/técnicos entendam-no dessa forma, os profissionais envolvidos. A Rede existe, as pessoas estão lá, agora falta aprenderem a trabalhar em conjunto, pensar em conjunto. O RSI trabalha, tem reuniões mas é só de RSI... Se existe um conjunto de técnicos que pretendem intervir numa dada área porque é que nós não vamos fazer um plano com uma raiz comum, em que cada um com os seus recursos e técnicos ponha em prática os seus planos de ação, isto é trabalho em parceria. É fazer um diagnóstico e dentro desse diagnóstico procurar respostas, o onde, o como, o porquê quais são os timings e aí já conseguimos trabalhar um pouco em comum. Se trabalhamos as mesmas pessoas não podemos trabalhar isoladamente, independentemente do público com quem intervimos. Este é o ponto fraco, ainda temos um longo caminho a percorrer. E as IPSS's, noto que estão muito fechadas dentro de si mesmas: eu não posso, eu não tenho recursos, ainda não perceberam que isso não é um entrave, isto pode ser uma mais valia a longo prazo, o fato de um técnico dar X horas para um determinado projeto não é uma coisa negativa, mas ainda é entendido assim.

Q5- Numa escala de 0 a 5, que importância tem para si o trabalho em parceria? Quais as vantagens e desvantagens dessa intervenção?

Cinco, o máximo. Nós não conseguimos trabalhar sozinhos. Eu até gostava de trabalhar com as Juntas de Freguesia. Por exemplo, a UCC (Unidade de Cuidados na Comunidade) em termos de ECCI (Equipa de Cuidados Continuados Integrados) tem Messines, São Marcos... era bom que os Presidentes de Junta conhecessem estas

realidades. Qual é a realidade? Quantos utentes têm acamados? Quantas pessoas precisam de ajuda? Era importante conhecerem isso, os porquês das coisas, mas ainda há um caminho a percorrer. As pessoas estão focadas nos seus objetivos, nas suas coisas, no seu próprio umbigo, nos seus problemas e sabem que têm de trabalhar em parceria e chegam, querem trabalhar mas levantam uma série de entraves.

Q6- O que mudou no seu trabalho desde que desenvolve uma intervenção em parceria? Porquê?

No meu trabalho tenho a percepção real do Concelho, não só do ponto de vista de saúde, mas de todas as outras áreas de intervenção, infância, juventude, comunitária, sociais... acho que conheço Silves bem, bem, em todas as problemáticas presentes no Concelho. Para mim isso foi o mais importante deste trabalho em parceria e que o mesmo me deu. Depois conhecemos também as dinâmicas, consegues fazer a diferença entre as várias instituições que estão a trabalhar nas diferentes freguesias do Concelho e entender o que cada uma está a dar, e as estratégias que cada uma adota, tens um jardim-de-infância que tem uma estratégia completamente diferente, até na mesma freguesia e isso também implica um pouco de adaptação, nós adaptamo-nos, fazemos alguma ginástica. O objetivo é o mesmo mas não consegues agir da mesma forma com pessoas diferentes. E isso tem sido uma realidade constante. Esta questão da adaptação e do crescimento que temos assistido tem sido para mim uma das mais valias do trabalho em parceria e temos feito muita coisa, apesar de na saúde as pessoas desconhecem. Mas acho que neste momento conseguimos ter um trabalho muito mais próximo e acessível. Dentro dos poucos recursos não recusamos ninguém no apoio domiciliário, todas as questões que nos são solicitadas nós damos resposta, temos um banco de ajudas técnicas, de camas que nunca estão ocupadas a 100%. Às vezes as viaturas é que não estão disponíveis, temos falta de recursos humanos, isso sim, mas em termos de respostas conseguimos responder favoravelmente nas unidades. Eu acho que temos crescido em termos de parceria mas procuramos não trabalhar sozinhos... agora há um trabalho que tem de ser feito, ainda não sabemos muito bem como para chegar até às próprias pessoas nas repostas que presentemente dispomos de forma gratuita, quando antes que era pago a procura era maior. As pessoas ao nível da saúde só se preocupam depois do problema acontecer e responsabilizam a saúde por prever os cuidados que são necessários, mas esqueceram-se que levaram uma vida inteira em que nada fizeram pela própria saúde e isto é difícil de entender.

A imagem de saúde é estar no consultório e ponto e não, o nosso trabalho também é este da prevenção e o trabalho em parceria é muito importante também nesse sentido é por aí que estamos a construir a nossa intervenção, a UCC é para isso, para fazer esse trabalho fora do Centro de Saúde, esse é o crescimento que estamos a tentar fazer, é difícil dar a conhecer o trabalho da promoção e da prevenção da saúde. Fala-se muito mas o país ainda está muito preso ao cuidado médico quando tem um problema e quando existe um problema...

Q7- Da intervenção social desenvolvida no Concelho, no seu entender, que ameaças poderão existir que coloquem em causa o desenvolvimento pleno de uma parceria?

A má comunicação entre as pessoas, a falta de recursos humanos... objetivos não afinados, não existir um planeamento correto e as pessoas não saberem o que estão a fazer no momento certo, na hora certa e para quê. Basicamente é isso. Se as pessoas entenderem todas qual é o objetivo de uma parceria é fácil, mas se foi só de papel...

Q8- Considera que todas as entidades no Concelho reconhecem a intervenção social em parceria como mais valia? Se não, porquê?

Sinceramente não! Dizem que sim, mas depois não se concretiza. Neste momento acho que ainda não se chegou a esse ponto... Acho que se formos analisar um bocadinho é um meio para atingir um fim... mas se calhar esquecemos um bocadinho do resto. Quando se chegar a esse nível é muito bom, mas... como se diz, o todo é constituído por várias partes, acho que as pessoas ainda não chegaram aí, porque se tenta trabalhar só num sentido, mas... aqui em Silves acho que falta as pessoas terem um sentido de se dar, de fazer... não têm essa visão, falta um bocadinho grande... é o reflexo das pessoas e das associações e de um modo geral do global, as pessoas fecham-se muito, a título individual, coletivo e nas instituições. O tempo ...nunca ninguém tem tempo para nada, o tempo faz-se é só queremos. A postura é não temos tempo, não há recursos não há tempo... nunca ninguém tem tempo para nada e isto é o reflexo do que nós somos. Nos Estados Unidos nas empresas cada funcionário é obrigado a dar X horas de voluntariado, obrigatório mesmo depois vão fazer uma intervenção num lar, vão pintar uma instituição... e aos poucos seguem esse caminho... Em Portugal não há ainda esta ideia... por exemplo, no Centro de Saúde há algo para arranjar, o jardim... isto é nosso, é nosso... mas não, nós só vamos ali reclamar e exigir. Se não há recursos então vamos trabalhar em conjunto para isso.

Dimensão III – Trabalho desenvolvido e a desenvolver

Q9– Do seu ponto de vista existem oportunidades por explorar, para este tipo de intervenção? Consegue identificar algumas?

Há imensas. A Rede existe e temos um plano, mas é um pouco teórico. As pessoas revêem-se num conjunto de coisas, mas depois é muito fechado e é necessário passar ainda mais para o concreto. Os planos são feitos mas depois às entidades falta-lhes o interesse, não se envolvem, mas também é importante que se saiba qual é o nosso papel como é que o mesmo se vai concretizar, é passar mais à ação, é o que sinto. Talvez passasse por delinear planos localmente com os presidentes de Junta e entidades locais, porque cada freguesia tem as suas necessidades distintas e as pessoas também têm formas distintas de trabalhar. Acho que temos de pensar nisto de maneira diferente. Vejo as coisas nesta perspetiva, porque não me importo de trabalhar e faço naturalmente mas é difícil teres outras pessoas assim.

Q10– Quais os aspectos que considera que deverão ser melhorados ao nível da rede de parceiros existente no Concelho de Silves?

Mais reuniões com mais ação, é tentar que as pessoas sejam mais proactivas naquilo que é a sua intervenção. Dizem: eu vou fazer isto mas é fazer mesmo, deixar um bocadinho o que está no papel e passar à ação, é reunir, trabalhar, planificar, definir tarefas.

Q11– Nesta matéria o que é que pode (vir a) ser considerado uma boa prática, a adaptar noutros Concelhos?

Em Loulé por exemplo... mas também é um Concelho com muitos recursos, mas sei que em termos de Rede Social, sobretudo no que respeita à população idosa, trabalha de forma muito organizada, ao nível de alguns projetos na área da saúde, eles têm conseguido. Outro Concelho é Aljezur, mas é um Concelho mais pequeno que trabalha muito bem, neste aspeto. A Rede é mais pequena, daí também existem mais respostas para os idosos o que faz com que trabalhem de forma mais próxima. Isto nessa área... uma boa prática... nós temos e estamos no bom caminho, a rede social noutros Concelhos não funciona nada e nós pelo menos fazemos funcionar, o que é uma boa prática. Não está perfeito mas há uma tentativa de trabalhar em conjunto, nomeadamente com algumas IPSS's, nalguns projetos ao nível da intervenção precoce... projetos específicos na área da saúde, que já dão alguns frutos... acho que para já nós estamos a ir pelo bom sentido, falta limar arestas... falta a concretização de uma forma diferente para ser efetivamente uma boa prática, as pessoas identificarem-se com aquele plano enquanto seu e fazerem...

Dimensão IV – Entidades

Q12- Numa escala de 0 a 5 que importância dá a entidade que representa a uma intervenção social em parceria?

Um cinco, sem qualquer dúvida...

Q13– Para si, quem são os principais beneficiados no desenvolvimento de uma intervenção social em parceria?

Todos os intervenientes, desde o utente às próprias instituições. O utente porque é o receptor, nós estamos a trabalhar em prol dele e as entidades porque crescem e têm conhecimento comum muito mais rico e abrangente. É importante não esquecer os princípios da intervenção com o todo. Está mais que provado que o trabalho em parceria é muito importante, por isso é só pôr em prática.

Q14– Da sua experiência na Rede, quais as entidades que se destacam na intervenção social em parceria, no Concelho?

Tenho mesmo que dizer? Tenho que pôr a minha em primeiro lugar, acho que nós nos destacamos. Há entidades que são mais, por exemplo a Casa do Povo de Messines é uma entidade que se destaca em muitos aspetos... há outras mais fechadas... que se tornam um pouco fechadas quando foge de... a CPCJ acho que vai começar um bom caminho...a Câmara, que tem feito um esforço muito bom no sentido de manter a Rede Social ativa no Concelho, o que não tem sido fácil e acho que devemos valorizar isso, porque não é fácil trabalhar com estas pessoas todas juntas... o que vejo é que todos querem pertencer à Rede mas na realidade... a maior parte não aparece e quem faz são sempre as mesmas, o problema está sempre no tempo mas há um conjunto de fatores, políticos, organizativos, recursos humanos de planeamento do trabalho sei lá... que leva a estas ausências. Se já trabalhamos para o ponto de vista social faria todo o sentido um pouco de tempo para este trabalho, porque muitas vezes trabalhamos na retaguarda para a resolução de situações e embora o façamos, este trabalho é invisível, tudo o que é trabalho de prevenção é invisível. Se vais ao médico vais, falas é uma coisa muito concreta, o trabalho em rede o que fazes é invisível, trabalhas de uma outra forma e as pessoas não entendem esse trabalho.

Dimensão V – Percepções

Q15- Na sua opinião, o que se espera de uma intervenção social em parceria?

O que se espera? Que funcione. Para mim é que funcione para que se possa fazer as coisas basicamente é isso. Era não termos dificuldades em entrar numa escola, as pessoas estarem disponíveis, não existir tantas barreiras... as pessoas perceberam o que andam aqui a fazer e por vezes sinto que ainda não se percebeu muito bem... eu sou a escola, tu és a Câmara, o outro é uma IPSS e somos? Não somos o todo? Somos. As pessoas ainda estão muito fechadas em si mesmas, nas suas próprias entidades é para aí que temos de caminhar.

Q16- Do que mais depende o sucesso de uma intervenção social em parceria?

Existir um espírito empreendedor e comum, queremos o mesmo, basicamente é isso, o sucesso de uma parceria é as pessoas entenderem que não podem trabalhar sozinhas, que estamos todos em prol dos outros e não de si mesmo e esquecer um pouco a parte economicista. É claro que sabemos que as instituições têm dificuldades, mas mesmo assim...

Q17- Qual o futuro para a intervenção social em parceria? E daqui a 10 anos...

Se não conseguirmos funcionar e andar para a frente vejo as coisas muito mal. Vejo em duas perspetivas: Se conseguimos ser mais empreendedores as coisas vão funcionar e o caminho é esse, sozinhos nada conseguimos. Eu prevejo que o futuro é esse mesmo, o caminho a percorrer é que se consiga que todas as entidades trabalhem em parceira e a Rede Social seja uma realidade, tem de ser. Porque com as dificuldades que se vivem cada vez serão maiores, cada vez estaremos mais sozinhos e nada se conseguirá

implementar. As coisas não estão fáceis, vemos o que existia há 10 anos atrás e vê agora e a realidade mudou muito. Por isso temos que nos reparar. Prevê-se que a economia possa crescer... e então temos de estar preparados para diferentes cenários, perspectivas, panoramas. Eu acho que do ponto de vista social cada vez mais vai ter de haver maior intervenção e não pode ser detentora de um só organismo. Tem de existir concertação. Todos aqueles que têm intervenção social independentemente da esfera, têm de estar concertados, caso contrário é um vazio.

Entrevista para realização de estudo sobre a Intervenção Social em Parceria, na perspectiva dos elementos representantes das entidades que compõem o Conselho Local de Ação Social de Silves

Entrevista C

Data: 02.07.2015 Local: Sala de reuniões – Biblioteca Municipal de Silves

Hora de início: 10h55 Duração da Entrevista: 1 h12 minutos

Perfil do Entrevistado

Sexo: Masculino Idade: 42 Habilitações Literárias: Gestão e Marketing

Tempo de serviço: 23 anos

Tempo de serviço ao nível da intervenção em parceria: 10 anos

Entidade que representa: Banco Alimentar Contra a Fome Algarve

Dimensão I - Parceria

Q1- O que é para si uma parceria?

É muito simples, uma parceira é trabalhar efetivamente com alguém. Com alguém não quer dizer que seja só no singular, pode ser no plural, em que tu dás e tu recebes. Pura e simplesmente é isso. Não tem muito para explicar. É dar e receber.

Q2- Que tipo de experiência profissional tem a este nível?

Ao longo destes anos da minha carreira profissional, eu procuro sempre o trabalho em parceria, até porque á uma questão que é muito simples, se na área social a parceria é assim tão linear, na área comercial/empresarial as parcerias reveem-se nas relações entre empresas e fornecedores e entre empresas e clientes... e por uma razão muito simples, estamos a falar de negócios e os negócios só são bons quando são bons para as partes, quando as partes ganham e para isso acontecer tem de haver uma parceria, tem de haver um entendimento entre as partes. Quando há uma posição dominante sobre a outra, seja de um fornecedor sobre um cliente, seja de um cliente para um fornecedor, não há parceria possível, não há negócio possível. Porque se uma das partes ganha, vai ter a vantagem e a outra parte se está dependente só se não tiver alternativa é que vai manter essa dependência. Assim que tenha a primeira oportunidade vai saltar fora... tem de haver sempre um equilíbrio na relação. É muito simples nesse aspeto.

Q3- No seu entender porquê e como se criam parcerias?

Não sei como se criam parcerias... na minha ótica fazem sentido existir, porque podemos atalhar caminho... se tivermos a trabalhar em rede ou em parceria com um grupo de instituições, sejam elas quais forem e se a parceria for verdadeiramente constituída e genuína, ganhamos todos, porque o caminho que eu posso fazer, ou penso fazer, se eu colocar à consideração dos parceiros se calhar já alguém o tentou fazer e saiu-se mal, ou alguém já o tentou fazer e teve determinado tipo de problemas para o fazer... o que me vai permitir a mim ou reequacionar o caminho que decida fazer, ou no limite anulá-lo e pensar noutra solução. Portanto, eu acho que essa é a grande vantagem da parceira, fazer caminhos diferentes e não os caminhos que os outros já fizeram.

Dimensão II – Intervenção Social em Parceria

Q4- Na intervenção social o que considera como pontos fortes, numa intervenção em parceria? Quais os pontos fracos?

Atualmente os pontos fracos na área social... para já é o nível de dependência que existe entre as instituições, em termos financeiros, da segurança social, porque é o organismo da tutela, que faz a ponte entre o Estado, o Setor Social e as instituições e esse nível de dependência para mim é perigoso, é mau, é péssimo ... tudo o que há de mais negativo possível... e isto porquê? Porque faz com que as instituições vivam na dependência, não falam aquilo que querem falar, não atuam com a liberdade que deviam de atuar... há uma política de medo, mas isso é transversal ao País... e neste caso é perfeitamente claro que ela existe, tendo em conta que eu já tive a oportunidade de falar com bastantes instituições... conheço bastantes instituições no Algarve, ainda não conheço todas mas espero em breve ter isso feito, mas se calhar mais de metade das instituições do Algarve eu conheço perfeitamente e é um fator comum a todas elas, porque os níveis de dependência financeira são muito muito grandes, e isso é péssimo. Deviam tentar encontrar soluções, eu penso que as parcerias podiam ser uma mais valia para procurar soluções de financiamento, porque as instituições têm de ser autossustentáveis. É óbvio que o financiamento público é importante e faz sentido existir, mas não na lógica atual, e eu penso que as parcerias podem ser uma mais valia, por isso mesmo, para procurar alternativas e para procurar soluções... as parcerias podem ser importantes para se olhar para o tecido social numa lógica que é as pessoas e não as medidas... que eu vejo muito e mais uma vez vou bater no mesmo, a tutela, que só olha para as coisas como medidas, quando o mais importante são as pessoas e essas não interessam... falo na área que conheço, porque obviamente que a Segurança Social tem uma intervenção muito abrangente, as áreas são muitíssimo vastas, mas aquilo que conhecemos que é a área do apoio alimentar e temos duas medidas diretamente ligadas à Segurança Social, as Cantinas Sociais e o FEAC (Fundo Europeu de Auxílio às pessoas mais Carenciadas), antigo PCAAC (Programa Comunitário de Ajuda Alimentar a Carenciados), e que há um foco muito grande na medida em si, no respeito pela regaras, como é que aquilo funciona, ou seja, olha-se a medida pela medida e não se

olha a medida pelas pessoas e depois não há uma integração e aquilo que nós achamos que faz falta muitas vezes e as parcerias nisso são importantes é poder integrar todo o apoio. E aqui falo não só do apoio alimentar, mas no apoio transversal... se souber identificar se um determinado agregado recebe apoio psicológico de um lado, ou recebe apoio financeiro do outro, ou recebe apoio alimentar, ou recebe apoio na área médica/saúde é importante ver o utente, ver o beneficiário, ver o agregado, ver a família na lógica humana, ou seja, o todo, e isso é muito importante é o caminho que as parcerias têm de fazer obrigatoriamente. O trabalhar a rede genuinamente vai ter de acontecer, mais que não seja porque o apoio social é uma antítese. Se o apoio social é tratar de pessoas, se as pessoas têm formação na área social, que não é o meu caso, são treinadas, trabalhadas e educadas para trabalhar com pessoas temos que olhar para as pessoas efetivamente como pessoas e não podemos olhar para as pessoas como mais um número, mais um utente, mais um beneficiário. As medidas depois são feitas para o agregado e as pessoas estão de costas voltadas umas para as outras e o agregado acaba por responder não sei quantas vezes à mesma pergunta, vai ter de expor a sua vida não sei quantas vezes, a vários técnicos e vários serviços, não faz nenhum sentido... ser-se pobre não é nenhuma vergonha, é uma condição momentânea e temos de olhar para isso como tal... são pessoas dignas têm uma vida, uma experiência de vida um know-how, um percurso de vida que é enriquecedor e tem de ver valorizado... como tal, quando se abordam as pessoas tem de se olhar para elas nessa perspetiva e não como mais um pobre que anda de mão estendida e que agora vem aqui pedir apoio à Câmara, ou à Junta, ou apoio à Segurança Social, ou à IPSS... não podemos olhar para isso e eu penso que as parcerias se devidamente trabalhadas podem corrigir isso e focarmo-nos para aquilo que todos estamos que é a pessoa, a família, o agregado. Perdoa-me a franqueza das palavras, mas nós em Portugal, pelo menos que eu historicamente possa recordar, pelo menos, pelo menos... se calhar toda a história da nossa República e já lá vão 105 anos, nós vivemos num clima de medo... vivemos no medo na 1ª República porque foi praticamente toda uma Guerra Civil, depois vem o Estado Novo que é uma ditadura completa. O pós 25 de Abril... não foi assim tão simpático, ou seja, estes 41 anos não têm sido simpáticos. É uma ilusão dizermos que vivemos numa democracia, mas não é uma democracia plena... a cultura do medo é transversal à sociedade portuguesa e basta olhar que todas as pessoas que estão vivas e vivem em Portugal, ou nasceram na última monarquia, onde houve um regicídio, ou nasceram na Primeira República, onde estivemos em guerra civil, e depois todo o resto da geração viveu e foi educada de acordo com o valores do Estado Novo, pessoas com baixa cultura, baixa formação, o medo é terrível, as pessoas não dizem porque a Segurança Social pode não gostar e corta-se o apoio, ou porque pode haver uma fiscalização e a seguir temos de pagar não sei quanto de multa e é a realidade da região, é a realidade do País. Eu falo da região porque é a realidade que conheço, mas penso que isto é transversal a todo o país. As pessoas não falam porque têm medo de perder o emprego, as pessoas não reclamam com o patrão porque têm medo, porque posso ser promovido, porque posso ser colocado de lado... é isto a cultura do medo.

Fomenta-se a cultura do medo há pelo menos 105 anos e não há volta a dar a isto, porque as novas gerações continuam a ser educadas na mesma perspetiva... e são poucos os que têm coragem de dizer as coisas como elas são. E quando têm, das duas uma, ou estão num determinado patamar em que os outros têm de lidar como eles e têm de os ouvir, mas à primeira oportunidade também os põem de lado, mas quando as pessoas já estão integradas num determinado circuito e não têm esse conforto, à sempre maneira de os por de lado. Infelizmente e a expressão não é muito simpática, mas nós vivemos num País de lacaios. A cultura do medo fomenta os lacaios, fomenta os lambe botas. As promoções não são feitas com base na notoriedade, no trabalho ou na responsabilidade ou produtividade de cada um, mas sim pelas pessoas que sabe realmente se mexer. E isto é complicado... As Instituições vivem esta cultura de medo em relação à tutela, claramente por causa da dependência financeira. Felizmente está a mudar, mas ainda existe muito, muitos dos diretores ou responsáveis pelas instituições são pessoas de demasiada idade, muito parametrizadas a isto, são reformados, não estão para se chatear e acaba por gerar-se o comodismo. Há técnicos que mesmo com uma boa formação, quando chegam a este universo vão se acomodar. É muito bom entrar às nove e sair às cinco, chegar ao final do mês ter o ordenado e não levantar ondas nem se chatear muito... E este comodismo é mau para o Setor social e é mau para o País de um modo generalizado. Eu costumo dizer a brincar, mas muito em verdade, se ninguém ousasse fazer diferente, ainda hoje vivíamos todos numa gruta e esfregávamos dois calhaus para nos aquecermos ... portanto alguém tem de fazer diferente... isso é da condição humana... há sempre dois ou três malucos que têm de ousar fazer diferente. Há tempos vi um cartoon bastante engraçado, que basicamente dizia isto: quem é que quer a mudança? e a multidão gritava e dizia queremos e depois dizia então vamos mudar, quem é que vem? Ninguém se mexeu... nós queremos mudar, mas desde que não implique mudar-nos a nós ... faz parte, nós temos medo da mudança, temos medo do desconhecido... Eu acredito que o trabalho em rede pode fazer a mudança porque é a cultura do exemplo... eu falo por mim... eu tenho este espírito reivindicativo, que ando sempre em conta corrente com tudo e com todos, e por vezes também me sinto cansado, mas depois quando começo a falar com A, vou visitar B, vejo que aqueles também pensam como eu... naquela instituição isto também acontece... e o exemplo dá a todos coragem, conforto para saber que não estou sozinho. Afinal não penso de forma tão diferente assim. E isso dá-nos a ideia que há várias pessoas a pensar da mesma maneira e por isso em conjunto podemos fazer melhor, temos mais força, e isso entende-se pelo bom exemplo da Segurança Social. Quando começamos a criar grupos de trabalho, são os velhos do restelo, que entram às 9 e saem às cinco e não estão para se chatear e quando querem acabar com isto arranjam uma fiscalização ou agarram-se a uma lei para acabar com isto, mas quando começam a falar para um conjunto e vêm que afinal já não conseguem impor tanto medo. E as pessoas entendem que afinal até têm margem para fazer diferente. É aqui que as coisas começam a ter uma nova dinâmica... Quando dou palestras nas escolas aos miúdos gosto sempre de lhes passar a ideia de que nós nunca devemos de perder o

sonho e a vontade de sonhar e aquilo que queremos fazer, o que é que isto quer dizer, é que se estivermos sozinhos a sonhar olhamos à volta e pensamos: somos parvos, ninguém pensa nem está a pensar desta forma. Mas quando estamos em grupo e percebemos que também há sonhos no outro lado, também há quem ouse do outro lado sonhar, ou querer fazer qualquer coisa, ganhamos todos coragem e temos um suporte que é, ok, vamos todos fazer. Mas depois há um ou dois que querem mesmo fazer, há outros que querem mas não têm coragem, mas se alguém avançar eles vão atrás e depois há o velho do restelo que é uma figura, que eu acho deliciosa de Camões, que espelha bem a sociedade portuguesa que é nunca acreditam que aquilo vai mudar e então deixa-os ir... Mas quando aquilo já vai lá a frente e eles percebem que funciona então dizem ok, está a funcionar nos também vamos. É esta dinâmica que é importante criar na rede, claro que tudo vai sempre bater no mesmo, que é o beneficiário, que é a pessoa, que é o agregado, a família, porque no Setor Social nós não estamos cá para mais nada. Mas nós estamos cá para isso, e é importante não esquecer que no Setor Social todo este dinheiro que gira em torno do Setor e no País inteiro, mas no Setor Social é gritante porque é na minha opinião, um Setor que não gera riqueza, gera despesa, vive de acordo com o orçamento geral do Estado e portanto estamos a viver com dinheiro dos nossos impostos. Se o dinheiro é meu, é teu e das outras pessoas que pagam impostos, então nós temos de exigir repostas, exigir soluções diferentes, se é o meu dinheiro eu quero saber onde ele é aplicado e quais são os resultados daquilo.

Q5- Numa escala de 0 a 5, que importância tem para si o trabalho em parceria? Quais as vantagens e desvantagens dessa intervenção?

É cinco claramente, eu não sei tudo, portanto se trabalhar com outra pessoa juntando o que sei e o tanto que a outra sabe em conjunto somos mais fortes, e duas cabeças pensam melhor que uma e três melhor que duas... é postura que tive desde sempre, não sei se é defeito de formação, se é muito meu, eu nunca trabalhei sozinho, não sei trabalhar sozinho e a vida provou-me que eu penso de forma certa. Se trabalharmos em conjunto criamos mais valias, criamos conhecimentos, encurtamos caminhos, chegamos mais longe e mais depressa. Estas são as vantagens de fazer trabalho em rede, trabalhar em parceira com alguém. E todos temos importância nisso, a Câmara está envolvida, porque tem experiência, tem know-how, conhecimentos e tem pontos fortes e pontos fracos. O Banco Alimentar tem pontos fortes e pontos fracos, as IPSS's têm pontos fortes e pontos fracos, a própria Segurança Social tem pontos fortes e pontos fracos e o trabalho em rede vai precisamente criar esses equilíbrios, anular as fraquezas, os pontos fracos, melhorá-los criar outro caminho ou reinventá-lo e torná-los pontos fortes. E os pontos fortes ficarão ainda mais fortes. O que acontece é que as pessoas ainda olham o trabalho em rede como... vão dar de si... imagina, eu fiz um determinado percurso, adquiri determinados conhecimentos profissionais, académicos, quer experiência pessoal e agora a trabalhar em rede vou ter de os partilhar, vou ficar mais fragilizado, mais exposto... sim é evidente que vou ficar mais exposto, mas não vou ficar mais fraco. Ao dar eu também vou receber, porque eu não vou dar sozinho...

outros há que também vão dar... Uma vez fui confrontado com uma voluntária, que me reconhecia como sendo uma pessoa extraordinária e eu disse-lhe que sou do mais egoísta que pode haver, fazer voluntariado é ser egoísta, e a Sra. ficou a olhar para mim sem nada entender. Perguntou-se o que é que eu queria dizer com aquilo e eu disse-lhe: quando dizem que no voluntariado não se recebe nada em troca, ou seja, vamos trabalhar de borla, sim financeiramente eu não vou receber nada, materialmente também não, eu vejo passar por mim toneladas e toneladas de alimentos e nunca toquei em nenhuma e nunca levei nada para casa, portanto na prática eu não ganhei rigorosamente nada, estou exatamente igual ao que estava à 10 anos atrás, mas em termos humanos sou uma pessoa totalmente diferente, considero que para melhor. Mais ainda tenho muito percurso pela frente, haja mais voluntariado para fazer, seguramente vou enriquecer mais e ser melhor do que aquilo que hoje sou. É nesta perspetiva que eu digo que sou egoísta, quem tem consciência plena do que é fazer voluntariado, que é dar de si e ao mesmo tempo receber, obviamente que quero fazer voluntariado e há coisas que são impagáveis: receber um sorriso, receber um abraço, receber um beijo, umas lágrimas de alguém... é totalmente gratificante vai-me fazer ser melhor. Portanto é óbvio que é um ato de egoísmo, porque eu sei que vou ganhar com isto.

Q6- O que mudou no seu trabalho desde que desenvolve uma intervenção em parceria? Porquê?

É muito simples de explicar, relativizei a minha vida e os meus problemas. Porque se uma pessoa vive sobre si própria, qualquer problema do dia a dia, mesmo que simples... se vivemos num mundo fechado, que é o nosso, aquilo efetivamente é um drama e há pessoas no limite, quando têm empresas, ou negócios chegam mesmo a cometer o suicídio. E não deixa de ser um drama, mas quando nós olhamos para pessoas, ou recebo chamadas telefónicas como recebi à uns dias, de pessoas que têm fome, de pessoas que precisam de ajuda, de pessoas que não sabem onde se dirigir, de pessoas que têm filhos mas com más condições, há pessoas que têm problemas gravíssimos, e que não têm, dinheiro para ultrapassar aquelas situações... se o carro avariou, avariou, comparado com isto não é nada... Chegamos à conclusão que temos uma vida excelente. Com problemas como toda a gente, mas comparado com milhares de pessoas que vivem à nossa volta... é como se fosse um sonho... isso relativiza a nossa vida e olhamos para a sociedade de uma forma bem diferente

Q7- Da intervenção social desenvolvida no Concelho, no seu entender, que ameaças poderão existir que coloquem em causa o desenvolvimento pleno de uma parceria?

As ameaças talvez a principal e única seja a verdadeira vontade das pessoas trabalharem em rede e se juntarem ... é por aí... o receio de não quererem partilhar, a questão de irem às reuniões porque a Câmara convoca mas depois na realidade não faço muita coisa... são os meus pobres, é a minha instituição, são os seus egos, os seus umbigos. Eu penso que o problema é mesmo os egos e os umbigos... ultrapassando esta

questão tudo se faz e isto é transversal, não é só no Concelho de Silves. É da condição humana, mas acima de tudo é muito da condição portuguesa. Nós temos muitas qualidades e extraordinárias, mas depois temos muitos defeitos e um deles é sermos muito burgueses, gostamos muito de mostrar aos outros que temos e tal... todos temos muito para dar e muito para aprender, sem exceção. Mas o principal obstáculo no trabalho em Rede é o Estado, a partir do momento em que as pessoas possam ter maior autonomia há um conjunto de questões que serão ultrapassadas. O Estado incentiva as parcerias mas o problema é a concertação, ou seja, vocês podem fazer, dentro desta cerca... você pode ir, mas só até ali... mais uma vez não é democracia plena... é condicionar o pensamento. O Esto Novo teve uma coisa que a Democracia perdeu... permitiu que as pessoas criassem fóruns de discussão, clandestinos ou não, não interessa, mas existiam, as pessoas reuniam-se e discutiam assuntos concretos da vida, da vida partidária, da vida política, da vida da terra, as pessoas falavam... hoje isso não há. Basta analisarmos isso nos nossos grupos de amigos, nas conversas de café. Fala-se nos crimes e as desgraças todas, falam da novela, do futebol, de carros, os homens falam de mulheres, as mulheres falam de roupa e isto serve para quê? Eu não digo que não seja importante falar sobre isto, mas deve haver espaço para tudo. Quando a conversa vai para a política, normalmente é para dizer mal. Conversa típica de treinador de bancada. Portanto o fórum de discussão que existe, o pouco, é medíocre. Do 25 de Abril para cá a o Estado fez uma coisa e o Ministério da Educação é totalmente responsável, porque é a política de todos os governos, as escolas formam medíocres... não há um espaço para formar líderes... quando olhamos para o ensino e para uma turma que tem todos os equipamentos necessários, onde há professores mais do que suficientes, grande parte até estão no desemprego, há todos os meios para ter turmas capazes, mais pequenas, apostando-se num ensino de qualidade, com responsabilização, com exigência... e não é isso que se faz... as turmas são o mais heterogéneo possível, o professor faz um milagre de trabalhar com turmas completamente diferentes e obrigatoriamente e nivela pelo mais baixo, sempre. E se ali tivermos um aluno com excelentes competências para ser um líder, um génio, nunca o vai ser. A não ser que seja tão teimoso que vai conseguindo passar ao lado do sistema, vai fazer uma boa faculdade e quando a terminar vai para fora do País... Em Portugal aposta-se na mediocridade e não é de ânimo leve é pensado, porque nós temos de ter pessoas acéfalas... as pessoas não são feitas para pensar... Eu aos miúdos das escolas passo muitas vezes o seguinte, vou tentar mudar um pouco da minha rua... e se conseguir talvez consiga mudar o bairro e se o bairro conseguir ser o exemplo para o do lado, já estamos a mudar uma cidade, e com o exemplo da nossa cidade já estamos a mudar uma região e por aí adiante... Ousar sonhar é mesmo isto, coisas que estão ao nosso alcance, caso contrário também criamos uma grande frustração. Cada um vai a seu ritmo mas por efeito de contágio. O caminho que cada um faz é o resultado final... O trabalho que estamos a fazer em Silves e espero que não se perca, está a ser diferente em Portimão e diferente em Vila do Bispo, mas está a ser feito... Não há cercas, há que agitar e pôr em causa... porque se olharmos isto com humildade e entendermos que

também nós estamos sempre em construção, vamos sempre aprender com quem temos à volta da nossa mesa isto vai dar uma mudança efetiva... a Segurança Social sabe disto e já percebeu. Primeiro reage-se, agora estão na retranca, à espera para ver no que isto vai dar. Eu sinto isso e no fundo eles também querem mudar, mas têm medo. Dependem de uma tutela, de uma hierarquia. O problema é que na estrutura do Centro Distrital há pessoas que não querem mudar, o problema transversal é que há demasiadas hierarquias, ocupadas por pessoas que nunca fizeram nada na vida em termos concretos e chegam lá, nem sabem muito bem como... são essas que minam, que em muitos casos nem foram ao terreno, não conhecem nem viram um pobre na vida, ou se viram foi há tantos anos que já nem sabem como é. Estão parametrizados aos sem-abrigo, que dormem nas ruas, aos ciganos, aos que têm doenças infecto-contagiosas, os coitadinhos que arrumam os carros... o problema é que hoje os pobres são as pessoas de classe média de há uns anos atrás. Tiveram uma profissão, uma carreira, têm família e vergonha de estarem na condição em que estão. São pessoas trabalháveis, precisam de ajuda sim, mas que agarram as oportunidades e saltam daqui para fora, o mais rápido possível... O que esta gente faz é aprova medidas avulso, programas avulso e projeto avulso... dou o exemplo dos CLDS (Contratos Locais de Desenvolvimento Social). Gastou-se milhões e qual foi o resultado? Ninguém sabe dizer. Só se fala em superação de medidas e isso serve para quê? Eu quero é saber qual é o efeito daquele investimento na vida das pessoas, isso é o que me interessa. Durante dois anos são acompanhadas e no fim do CLDS abandonam-se as pessoas... se lhes tiras o tapete durante o percurso e estamos a falar de pessoas, já não vão participar e se o fazem não se envolvem, como inicialmente. Isto é o que questiono e que não encontro resposta. Olha-se a medida pela medida, olha-se o projeto pelo projeto e não pelas pessoas. É deitar dinheiro à rua e não há consequência e é o que tem de acontecer. Avaliar o que correu mal e fazer diferente e reforçar o que correu bem. Deveria haver uma perspetiva pelo todo e não é o que acontece.

Q8- Considera que todas as entidades no Concelho reconhecem a intervenção social em parceria como mais valia? Se não, porquê?

Ainda não, mas aos poucos chegaremos lá. Porque lá está, existem medos. Quando os mesmos forem ultrapassados e chegarem à conclusão que todos os dias aprendemos e aprendemos em rede... vai levar algum tempo mas é por aí...

Dimensão III – Trabalho desenvolvido e a desenvolver

Q9– Do seu ponto de vista existem oportunidades por explorar, para este tipo de intervenção? Consegue identificar algumas?

Há várias oportunidades. Desataco o trabalho que estamos a fazer ao nível do grupo de trabalho alimentar, a replicar noutras áreas temáticas.

Q10– Quais os aspectos que considera que deverão ser melhorados ao nível da rede de parceiros existente no Concelho de Silves?

Para já descer do nível de CLAS e criar grupos de trabalho efetivos sobre diferentes matérias. O grupo da alimentação até deve ser estendido à parte não alimentar. Ao nível da rede em si, há entidades que têm de elencar, talvez noutra tipo de fóruns. A saúde é fundamental, a autoridade é fundamental, pois podem identificar algumas situações prementes. Falo também dos bombeiros, talvez fosse importante estarem integrados e serem uma mais valia, que mais não seja como fonte de sinalização e acionar respostas sendo necessário. Penso que era necessária uma equipa que respondesse 24 sob 24 horas. Tem de haver um grupo de emergência social. Entre GNR (Guarda Nacional Republicana), Bombeiros e Cruz Vermelha é importante criar-se este grupo de emergência. Alguém que em tempo útil, seja sábado ou domingo, possa resolver o problema. Os outros grupos é importante, mas acima de tudo é importante que isto seja do conhecimento de toda a população do Concelho. As pessoas por vezes não sabem onde se dirigir. Eu enquanto cidadão tenho de saber a quem recorrer no caso de ser confrontado com uma determinada situação. Qual é a rede que está disponível. As escolas são uma fonte de informação privilegiada, todos os graus de ensino, desde o primeiro ciclo ao ensino secundário. Em termos de Concelho as entidades essenciais, são GNR, Bombeiros, Centro de Saúde e Escolas. A Câmara e as Juntas de Freguesia já são pela sua natureza, mas é no horário de expediente e claramente toda a rede de IPSS's e isso tem de estar muito bem identificado, que valências têm, que papel têm na rede... Deve ser a Câmara a promover isso e a ser o pivot. Não é preciso criar muitos grupos de trabalho, este do alimentar e não alimentar que estamos a dinamizar, que acho fundamental, a segurança social tem de ser um parceiro, temos de continuar a chateá-los, eles têm de ser chamados à parceria. A Segurança Social não é autoridade, no sentido de chegar e todos ficarem em sentido... há uma coisa muito séria e que acho que ainda não colocaram na cabeça, acho que é uma falha que ainda não conseguiram entender. Os últimos quatro anos passaram-se como se passaram em Portugal, com isto não vou desconsiderar as autarquias, porque acho que também tiveram um papel muito importante, mas deve-se à boa vontade de homens e mulheres que estão no terceiro Setor, que estão nas IPSS's. Se nós em Portugal não tivéssemos uma boa Rede de IPSS's, só o Presidente da República é que falou nisto, mas foi pela rama, uma boa rede de gente com muito boa vontade e um coração enorme, nós não tínhamos passados estes quatro anos como passamos. Na prática é que se não tivéssemos tido uma rede forte tínhamos tido convulsões sociais graves e no limite tínhamos tido focos de desordem pública. E estamos a falar de violência, estamos a falar de saque, de roubo, o que acontece em tantos outros países, em que tínhamos o nosso património casas e carros vandalizados, lojas e bancos vandalizados e as pessoas ainda não perceberam a gravidade disto. Uma boa rede social permitiu-nos viver socialmente estáveis. E no caso concreto do Algarve ainda vai mais além. Se nós tivéssemos vivido uma situação de convulsão na região, tínhamos a principal fonte de riqueza da região anulada ou completamente estropiada, que é o

turismo. A boa rede foi o garante para que o turismo no Algarve, pois eu vou de férias para um sítio seguro onde possa descansar. Embora exista desemprego ainda assim há garante de empregabilidade e isto tem de ser dito sem qualquer vergonha. A rede social funcionou, desarticulada é certo, com muitas falhas é certo, estamos cá todos para assumir essa responsabilidade, mas foi graças a nós que isto aconteceu. Muitas vezes os parceiros não têm a noção da importância do seu papel na rede. Temos de abandonar a perspectiva de sermos os coitadinhos...

Q11- Nesta matéria o que é que pode (vir a) ser considerado uma boa prática, a adaptar noutros Concelhos?

Eu não vou particularizar nenhuma situação. Construa-se a rede e ultrapassem-se os umbigos. É a chave para tudo isso, ultrapasse-se os umbigos e consiga-se montar a rede, sem cercas nem barreiras. A rede constrói-se pelos parceiros, qualquer caminho seja válido e o principal objetivo sejam as pessoas.

Dimensão IV – Entidades

Q12- Numa escala de 0 a 5 que importância dá a entidade que representa a uma intervenção social em parceria?

É o cinco. Na sequência de tudo isto desafiava a Câmara a exigir responsabilização sempre que atribua verbas aos parceiros. O dinheiro vai ser gasto em? Quero comprovação disso. Não é burocratizar o apoio, há uma coisa que está mais que comprovada em Portugal e que teimosamente continuamos a não querer ver por interesse próprio da cúpulas que gerem o País. Quanto mais papel maior é a corrupção. E isto está provado nas instâncias internacionais. E eu dou sempre o mesmo exemplo a toda a gente, se eu deixar à tua frente uma folha A4, ou te deixar sete dossiers, cada um com uma resma de papel, eu pergunto-te tu vais ler a folha com a mesma dedicação que as cinco mil? Não vais ver da mesma maneira... Cinco mil folhas, às tantas lê na transversal. Mas se tiveres uma lê e se tiveres dúvidas lê uma segunda vez. Há capítulos que nunca ninguém lê na vida. Acho que tem de existir responsabilização, mas haja bom senso. O dinheiro é público mas tem de haver responsabilização, vem do erário público, que são os nossos impostos. Outra questão era lançar o desafio de por exemplo por ano alocar uma verba para apoio a uma família. Não é apoiar no sentido de dar o dinheiro e pronto, era desafiar a rede e os seus técnicos a cada um identificar uma família que ache ser recuperável. E entra em concurso, por escolha dos técnicos, 5 ou 6 ou 10 famílias. Em que em parceria é avaliado cada processo, cada família e depois vai chamar a família, vai perceber a motivação a vontade, vai validar e no fim chega à conclusão que é de apoiar por exemplo a família X e durante um período a família vai receber um apoio. Acho que era um desafio interessante. A Câmara tornava-se um agente ativo de recuperação de um agregado. Começas a trabalhar duas gerações ao mesmo tempo, os pais, permitindo a autonomização do agregado e depois é dar aos filhos, a segunda geração terem mais

estudos que os pais e possam ter outras ferramentas para não terem a vida que os pais tiveram. É um desafio que eixo ao Município. Focar no agregado e não burocratizar, o importante são as pessoas. Digo envolver, não dar por dar, porque aí não há família que se autonomize nunca, antes pelo contrário ficarão mais dependentes. E depois é acompanhar e apoiar. Às vezes nem é preciso tanto dinheiro assim, basta ser criativos, talvez daqui a dois anos esta família está eternamente grata à rede, mas sobretudo está autonomizada.

Q13– Para si, quem são os principais beneficiados no desenvolvimento de uma intervenção social em parceria?

Sem qualquer tipo de dúvidas as pessoas, as famílias, os agregados, a comunidade.

Q14– Da sua experiência na Rede, quais as entidades que se destacam na intervenção social em parceria, no Concelho?

Das instituições que melhor conheço... é a Casa do Povo de São Bartolomeu de Messines, apesar dos enormes problemas que a estrutura tem e ter muita gente. Não quer dizer que os outros não façam um bom trabalho... mas esta destaca-se. Eu acho que o Piasca (Presidente da Direção) trouxe inovação, trouxe coisas diferentes. E é necessário coisas diferentes daquela história de mais do mesmo... chega uma altura que está gasto para todos. Os exemplos e as histórias de cada um pode “picar” com os outros. Por vezes é importante parecerias one to one.

Talvez faça sentido trabalharem em conjunto, por uma qualquer razão.

Dimensão V – Percepções

Q15- Na sua opinião, o que se espera de uma intervenção social em parceria?

É resumir tudo o que disse até agora. Mas resumindo é focar nas pessoas, é o que se espera.

Q16- Do que mais depende o sucesso de uma intervenção social em parceria?

O que mais depende... é sermos genuínos e sermos nós próprios... é tirarmos os óculos de Alcanena, o que os burros usam... é olhar a 360º e não ter medo.

Q17- Qual o futuro para a intervenção social em parceria, daqui a 10 anos?

Se as redes forem montadas, espero efetivamente estarmos a trabalhar das pessoas para as pessoas. E termos uma segurança social efetivamente parceira e que está a financiar projetos e a financiar pessoas, a recuperar pessoas. Nós temos de ter um Setor social que quando qualquer um de nós cair nós sabemos onde vamos bater à porta e sabemos que vamos ter ajuda e que me vão ajudar, porque eu daqui a um ano no máximo eu volto a estar autonomizado. Não volto a estar dependente. É para isso que serve a Rede social é para ajudar a levantar, não é para nos levar ao colo a vida

toda. Podemos levá-la pela mão, tal como fazemos com os nossos filhos, mas eles aprendem a andar e é isso que queremos, façam-se à vida, mas se voltarem a cair sabem que estamos cá. É isto que quero daqui a 10 anos.

Entrevista para realização de estudo sobre a Intervenção Social em Parceria, na perspectiva dos elementos representantes das entidades que compõem o Conselho Local de Ação Social de Silves

Entrevista D

Data: 06.07.2015 Local: Serviço Local de Silves – Segurança Social

Hora de início: 16h41 Duração da entrevista: 22 minutos

Perfil do entrevistado

Sexo: Feminino Idade: 59 Habilitações Literárias: Licenciatura em Serviço Social

Tempo de serviço: 25 anos

Tempo de serviço ao nível da intervenção em parceria: 25 anos

Entidade que representa: Segurança Social

Dimensão I - Parceria

Q1- O que é para si uma parceria?

Parceria é... uma forma de promover respostas coordenadas para problemas mais complexos. Basicamente é isso...

Q2- Que tipo de experiência profissional tem a este nível?

Comecei a trabalhar em parcerias desde que entrei para o serviço, aqui para a Segurança Social. Comecei a trabalhar em parceria no Programa Inter-Ministrial para o Sucesso Educativo, que já era uma parceria, isto em 1989. Dessa altura até agora nota-se uma maior responsabilização dos parceiros, parece que as pessoas assumiram a perspetiva que trabalhar em parceria é entrar num processo de colaboração e partilha de conhecimentos e recursos. Acho que interiorizaram a forma de funcionar em rede, mas também já lá vão uns bons anos nessa dinâmica...

Q3- No seu entender porquê e como se criam parcerias?

Criam-se parcerias pela velha história de que ninguém é uma ilha. Não se consegue ter respostas adequadas, com objetivo de prevenir e resolver problemas se se trabalhar sozinho. Penso eu que a parceria está focada para dois resultados: preventivos ou reativos. Preventivos, no sentido de antes dos problemas emergirem tu tens uma intervenção e depois obrigatoriamente existe a intervenção reativa que dizem respeito a práticas acionadas após os acontecimentos considerados negativos surgirem. Mas o

objetivo, penso eu, seria que nós todos trabalhássemos de forma a prevenir acontecimentos negativos... mas isso é quase impossível... a parceria é isso mesmo, na minha opinião deve ser flexível, aberta, abrangente; todo o trabalho de parceria deve ter um objetivo comum, para benefício do todo, tendo em conta os recursos comunitários existentes e deve sempre existir a preocupação da ligação à comunidade... e também deve ser inovadora. Quando digo flexibilidade e recursos comunitários existentes é a pessoa tentar adaptar-se aquilo que existe e não estar a idealizar recursos porque sabemos bem que é complicado. Dentro do que se tem tentar adequar a melhor resposta.

Dimensão II – Intervenção Social em Parceria

Q4- Na intervenção social o que considera como pontos fortes, numa intervenção em parceria? Quais os pontos fracos?

Pontos fracos, penso eu que seja é o fraco envolvimento de alguns parceiros. Os pontos fortes é exatamente a partilha de conhecimentos, partilha de informações e partilha de recursos.

Q5- Numa escala de 0 a 5, que importância tem para si o trabalho em parceria? Quais as vantagens e desvantagens dessa intervenção?

Cinco, cinco...

O trabalho em parceria, o trabalho em rede requer tempo, muito tempo para estruturares bem as coisas visando um propósito comum, um alto nível de confiança entre os parceiros, e uma grande capacidade de se gerirem as diferenças e /ou conflitos ... se vires, há anos que todos os Concelhos trabalham em parceria, como é que se entende que uns estejam mais à frente nessa interação e outros tão atrás? Acho que tem muito a ver com isso, com o nível de confiança... que existe entre os envolvidos... e isso poderá estar relacionado com coordenações mais ou menos bem conseguidas, motivadas e capazes de motivar, talvez com as muitas mudanças de representantes das instituições e por muitas vezes não existir a divulgação suficiente do que cada uma oferece, por que estatutos se regem e inclusivamente o que cada uma espera dessa interação em rede. Um dos factores mais importantes para a qualidade da parceria é o grau de confiança uns nos outros

Q6- O que mudou no seu trabalho desde que desenvolve uma intervenção em parceria? Porquê?

Mudou a perspetiva de desenvolver um trabalho em prol do benefício comum, para o conjunto. Conhecendo aquilo que as outras entidades me podem oferecer, que dispõem, saber que a pessoa pode recorrer e beneficiar dessa partilha de informação, conhecimentos, recursos..., essa colaboração. Não estás sozinha, não te sentes sozinha com um problema às costas. Acho que isso é importante.

Q7- Da intervenção social desenvolvida no Concelho, no seu entender, que ameaças poderão existir que coloquem em causa o desenvolvimento pleno de uma parceria?

Talvez o não existir a capacidade de ser flexível... se não é assim não se faz... e os problemas podem resolver-se partindo do princípio que tem de se fazer com aquilo que se tem... Se só existem aqueles recursos tem de se fazer com o que se tem. Cada entidade envolvida contribui com o que tem, o projeto é de todos. Cada entidade está muito virada para as suas coisas e por isso não criam esta abertura. Todos nos desculpamos com o trabalho que temos, com o tempo que não temos... mas para mim essa é uma falsa questão. Se nós nos abrimos mais talvez consigamos resolver muito mais coisas de forma mais eficaz, prevenindo até o surgimento de acontecimentos negativos... Acabamos todos por sair beneficiados, mais realizados e mais enriquecidos a nível de parceria e a nível pessoal.

Q8- Considera que todas as entidades no Concelho reconhecem a intervenção social em parceria como mais valia? Se não, porquê?

Acho que sim, que todos reconhecem. Depois de tantos anos acho que sim que todas reconhecem que só há a ganhar com isso. Mas talvez encontres mais estes bloqueios ao nível das instituições particulares, as entidades ao nível central já não tanto.

Dimensão III – Trabalho desenvolvido e a desenvolver

Q9– Do seu ponto de vista existem oportunidades por explorar, para este tipo de intervenção? Consegue identificar algumas?

Existem. Existem sempre. Penso que nós poderíamos ser mais inovadoras, com aquilo que se tem, com os recursos disponíveis, poderíamos ser mais criativos nas nossas respostas. Por vezes escudamo-nos nos limites e nas orientações que nos são dadas... dentro daquilo que existe se calhar há sempre maneira de fazer as coisas de forma diferente, que resulte num maior impacto positivo, não só nos técnicos envolvidos, mas também na população que pretendemos atingir. Se pensarmos bem há muita coisa que se pode explorar...

Q10– Quais os aspectos que considera que deverão ser melhorados ao nível da rede de parceiros existente no Concelho de Silves?

Talvez criar mais espaços de interação, uns com os outros... se houver espaços em que as pessoas possam falar de si próprias, das suas expectativas, dos seus constrangimentos, acho que se consegue limar algumas coisas que estão por limar... e aí conseguir melhores resultados na nossa intervenção. É como te digo, o trabalho em rede leva muito tempo até atingirmos o bom... leva muito tempo, mas já está muito melhor, mas ainda pode melhorar muito.

Q11– Nesta matéria o que é que pode (vir a) ser considerado uma boa prática, a adaptar noutros Concelhos?

Não estou a ver... A proximidade que o NLI (Núcleo Local de Inserção) de Silves tem com algumas juntas de freguesia e uma ou outra IPSS no que respeita ao acolhimento de beneficiários mais desfavorecidos a nível de habilitações literárias e qualificação profissional, para os integrar na medida CEI+ (Contrato de Emprego-Inserção +), no âmbito do Mercado Social de Emprego. Sabes que alguns desses projetos resultaram em contratações e mudança de atitude, dos indivíduos envolvidos, face ao trabalho. O trabalho que esses parceiros têm vindo a desenvolver é louvável.

Dimensão IV – Entidades

Q12- Numa escala de 0 a 5 que importância dá a entidade que representa a uma intervenção social em parceria?

Cinco, nós só funcionamos em parceria... não dá para ser de outra forma.

Q13- Para si, quem são os principais beneficiados no desenvolvimento de uma intervenção social em parceria?

O indivíduo, a família e a comunidade para a qual tu trabalhas... e nós também... adquires mais competências... enquanto profissional, enquanto pessoa. Enriqueces no fundo a entidade que representas. Todas as partes envolvidas beneficiam.

Q14- Da sua experiência na Rede, quais as entidades que se destacam na intervenção social em parceria, no Concelho?

A minha entidade (Segurança Social), a autarquia e o centro de emprego, através da promoção da qualificação inserção profissional dos indivíduos o que contribui grandemente para uma cidadania plena.

Dimensão V – Percepções

Q15- Na sua opinião, o que se espera de uma intervenção social em parceria?

Esperam-se... respostas concretas às situações... são para isso que estamos aqui, respostas concretas para problemas locais, porque estamos a falar do nosso Concelho, da nossa área territorial.

Q16- Do que mais depende o sucesso de uma intervenção social em parceria?

Tempo, confiança e envolvimento... eu acho que é isso mesmo...

Q17- Qual o futuro para a intervenção social em parceria, daqui a 10 anos?

Sei lá... espero que melhor, que estejamos todos mais focados no benefício comum... mas todos mesmo... pelo menos as entidades consideradas obrigatórias. Bom seria que até as instituições estivessem na mesma linha... mas para isso talvez precisemos de mais 10 anos... ainda estão muito fechadas... na minha perspectiva porque os seus

técnicos não têm autonomia nem condições para construir essa autonomia, digo-o no sentido de apresentarem projetos, planos, soluções... de se envolverem de uma forma mais dinâmica... isso é que eu acho falta... cingem-se ao que a direção lhes propõe. Não digo que sejam todas, mas a maior parte delas é assim... quando é dada essa autonomia aos técnicos vê-se logo a diferença na forma como lidam com os problemas, como se envolvem na resolução dos mesmos.

Entrevista para realização de estudo sobre a Intervenção Social em Parceria, na perspectiva dos elementos representantes das entidades que compõem o Conselho Local de Ação Social de Silves

Entrevista E

Data: 09.07.2015

Local: Santa Casa da Misericórdia de Silves

Hora de início: 10h00

Duração da entrevista: 31 minutos

Perfil do entrevistado

Sexo: Masculino

Idade: 40

Habilitações Literárias: Economia

Tempo de serviço: 17 anos

Tempo de serviço ao nível da intervenção em parceria: 15 anos

Entidade que representa: Santa Casa da Misericórdia de Silves

Dimensão I - Parceria

Q1- O que é para si uma parceria?

Parceria são várias pessoas, ou várias instituições que trabalham pelo mesmo objetivo, ou em prol do mesmo objetivo, auxiliando-se mutuamente. Portanto, para haver uma parceria tem de haver instituições, mais do que uma, para que possamos ser parceiros e visando um mesmo objetivo e trabalhando para a concretização desse mesmo objetivo.

Q2- Que tipo de experiência profissional tem a este nível?

Alguma... Já há muitos anos. Sobretudo aqui pela Misericórdia de Silves, nós já trabalhamos muitas vezes em parceria, com a Câmara, através de vários projetos - Bairrismo, Pensar a Serra, Escolhas, etc... e depois aqui com algumas instituições do Concelho, congéneres da Misericórdia, ou escolares.

Q3- No seu entender porquê e como se criam parcerias?

Porquê? As parcerias criam-se porque as pessoas ou as instituições reconhecem na sociedade alguma lacuna. Como? Sobretudo porque não têm recursos para poder corrigir essa lacuna, procuram com outro formar uma equipa, formar uma rede, uma parceria, para que possam concretizar esse objetivo e suprimir essa lacuna. Depois, como é que se concretiza? De várias formas, sem protocolos formais, com base na confiança e nas relações institucionais, das várias empresas e dos conhecimentos dos seus dirigentes, pode-se fazer parcerias muito interessantes, nomeadamente com escolas e com os grupos de miúdos, etc, podemos fazer parcerias a vários níveis, desde

parcerias ao nível do desporto, da ação social, da educação... nós temos aqui, por exemplo uma parceria com a Green Foot, em que os miúdos da creche vão à Green Foot e eles fazem aqui promoções, para desenvolvimento do desporto. Temos parcerias com clínicas de fisioterapia, por causa dos idosos, temos clínicas de massagens para os funcionários e para os nossos utentes e tudo isto porquê? Porque sentimos que as pessoas tinham necessidades de uma oferta diferente e que nós sozinhos não conseguíamos dar... e para isso temos que nos auxiliar junto de outras instituições que já trabalham nesse core business, nessa área de negócio em que nos ajudassem, dando nós também qualquer coisa para esse objetivo em conjunto com eles e que melhorássemos a nossa oferta. A parceria é sempre para melhorar a nossa situação em prol dos outros, corrigindo uma lacuna que existia quer em nós, quer nos outros.

Dimensão II – Intervenção Social em Parceria

Q4- Na intervenção social o que considera como pontos fortes, numa intervenção em parceria? Quais os pontos fracos?

Começo pelos ponto fracos... na área social e sobretudo aqui em Silves penso que todas as instituições olham muito ainda para si... per si... não olham numa abrangência local, de freguesia ou concelhia, cada qual quer fazer as suas coisinhas e escondem o jogo e isso para uma parceria não é bom. Depois pontos fortes, também há o contrário, também há quem olhe para o Concelho e aí há pessoas nos lugares onde estão, que conseguem olhar de forma diferente ao que as instituições individualmente pensam e tentam e procuram que as entidades trabalhem em parceria. Portanto, o ponto forte é o trabalho técnico da Câmara, do Banco Alimentar... acho que há técnicos que fazem esse trabalho muito bem... Depois como tudo na vida, as parcerias e aqui em Silves socialmente acho que têm vindo a ganhar mais espaço exatamente por causa da crise. A crise económica trouxe uma visão diferente às instituições. As instituições perceberam que não podem andar a fazer concorrência uns aos outros, porque já não existe oferta para isso tudo e agora começaram a auxiliar-se uns aos outros e isso vê-se por exemplo em reuniões que existem para concertarmos algumas ações, existe por exemplo na Rede Social, no CLAS onde já se consegue ter objetivos comuns e trabalhar-se para eles. Neste exemplo do Banco alimentar em que a vossa proposta é muito boa no sentido de acabar com as duplicações de apoios alimentares prestados no Concelho, antigamente aqui pensava-se, eu dou àquele que conheço e ninguém sabe se ela recebe ou não recebe e isto já não pode ser assim. Resumidamente, se as pessoas deixarem de olhar apenas para os seus umbigos e trabalharem em parceria, nós fazemos um trabalho mais amplo, mais complexo e muito melhor para quem o recebe. Por exemplo, nós temos aqui uma ideia que já foi tentado e não foi conseguida, mas parece-me que agora tem mais condições para andar que é, nós fazemos apoio domiciliário e o agrupamento de escuta veio oferecer-se para em parceria fazer alguns melhoramentos nas casas das pessoas. Nós tentámos e ninguém queria... mas se nós melhorarmos a comunicação e a proposta for apresentada de uma

forma diferente, através de uma parceria com uma empresa de comunicação a informação já chega lá e as pessoas já querem. Portanto a forma de trabalhar de cada um trás sempre mais valias para a parceria social, que não envolve só instituições sociais, envolve outras instituições que possam trabalhar e melhorar o trabalho social.

Q5- Numa escala de 0 a 5, que importância tem para si o trabalho em parceria? Quais as vantagens e desvantagens dessa intervenção?

Quatro. As vantagens, basicamente é o que respondi anteriormente... a parceira permite um conhecimento diferente daquilo que cada instituição tem, porque quem está integrado dentro de uma situação para a poder resolver não basta estar integrado, precisa saber as opiniões exteriores, precisa saber qual a consequência das ações que toma para o exterior e na parceria conseguimos isso. Conseguimos ter uma visão diferente da nossa própria visão. É um bocadinho como os treinadores de futebol... cada um de nós é treinador, mas quem está na bancada tem uma opinião diferente daquilo que se passou no campo e na área social é o mesmo. Nós pensamos que estamos a fazer muito bem àquele agregado familiar mas alguém que está de fora e conhece bem as situações pode nos alertar e dizer que isso não é bem assim, ou dizerem que o outro agregado precisa muito mais, e essa parceria e troca de conhecimentos é muito importante.

Q6- O que mudou no seu trabalho desde que desenvolve uma intervenção em parceria? Porquê?

Abriu-me o horizonte e os conhecimentos sobre a área social, sobretudo. Não mudou a minha forma de trabalhar, isso não, porque acho que só em conjunto é que se conseguem coisas boas e melhores, quem não sabe trabalhar em conjunto nunca conseguirá chegar a lado nenhum. A minha forma de trabalhar não mudou, ganhei foi outros conhecimentos. Novos horizontes, percebi que existem métodos profissionais muito bons para os quais eu não estava preparado, porque a minha área é de económicas e a área social trabalha de uma outra forma, como a parte do desporto trabalha de outra. Acho que em todas as áreas temos coisas a aprender e eu aprendi a trabalhar em parceria, sobretudo na área técnica, não na área das relações humanas mas sim nas características técnicas dessa profissão social, que me foi dada pelos intervenientes sociais.

Q7- Da intervenção social desenvolvida no Concelho, no seu entender, que ameaças poderão existir que coloquem em causa o desenvolvimento pleno de uma parceria?

Penso que a falta de recursos económicos pode por em causa o funcionamento de uma parceria, como já colocou noutras situações. Penso que quando não existe a honestidade e a transparência suficiente numa parceria a mesma também não resulta e põe-se em causa. E depois se na intervenção social não existirem critérios muito bem definidos e iguais para todos essa parceria pode não resultar. Seja em que área

estejamos a falar. Se existem várias instituições que trabalham a mesma área se os critérios não forem iguais para todos a parceira nunca irá resultar. Têm de existir critérios políticos, sociais, económicos, todos eles perfeitamente definidos para que todos que façam parte do apoio social e das parcerias os possam seguir, porque por exemplo, na cantina social existe um critério largo, as pessoas podem não pagar nada, podem pagar 0,50€, ou podem pagar 1€ e as pessoas escolhem onde vão pedir apoio... e se este critério não ficar bem definido todas as parcerias que se queriam fazer a partir daí podem não resultar. É necessário fazer uma parceria ao nível do Concelho para servir a população. O que eu acho é que para haver uma parceria na área social, os critérios têm de ser perfeitamente definidos e depois conforme o que as instituições estão preparadas para poder responder, se for necessário alterar os critérios também se alteram, mas é do conhecimento público, é do conhecimento de todos.

Q8- Considera que todas as entidades no Concelho reconhecem a intervenção social em parceria como mais valia? Se não, porquê?

Nem todos... Só olham para eles próprios... e mais não digo.

Dimensão III – Trabalho desenvolvido e a desenvolver

Q9– Do seu ponto de vista existem oportunidades por explorar, para este tipo de intervenção? Consegue identificar algumas?

Existem... existe tanta coisa... na área social o Concelho de Silves e em Portugal é muito limitado. Podíamos pensar ao nível do apoio social em parceria e com várias instituições, por exemplo... doença mental, é uma dificuldade enorme, porque é que não nos juntamos três ou quatro e criamos uma resposta para a doença mental? Apoio à vítima de violência doméstica, porque é que não nos juntamos e não criamos uma casa de apoio à vítima de violência doméstica...O apoio aos sem-abrigo, que não passa só pela alimentação, ele tem de tomar banho, ele tem de dormir, tem de ter roupa para vestir, tem de ter calçado... porque é que não criamos uma resposta. E a Rede Social e as parcerias não podem viver dos pedintes voluntariamente... nós temos é de trabalhar em conjunto para criar respostas, isso é que é trabalhar em parceria. Falo da Misericórdia, que há muito tempo vem sentindo essa dificuldade na questão da saúde mental, porque alguns dos nossos utentes têm essa doença. Mas sozinhos não conseguimos criar uma resposta para a doença mental... A resposta ótima não será a inicial, um internamento, porque ninguém aqui tem recursos, mas se começarmos com uma resposta de ambulatório, criando um espaço onde a pessoa possa estar umas horas até para descanso do cuidador, penso que já seria muito útil. Mesmo os sem-abrigo, ou as vítimas de violência doméstica, neste caso tínhamos de ter um espaço para que as pessoas ficassem em segurança. A parceria pode ser trabalhada com a polícia, com a GNR, com as Escolas, com outras instituições que nós às vezes pensamos que não é da área social mas são. Com a CPCJ, porque ao nível das crianças e da creche também existem muitos problemas que deviam ser trabalhados e não o são. Por

exemplo, nós temos a intervenção precoce, que os Amigos dos Pequenininhos desenvolve e bem, mas talvez se tivessem mais ajuda de outras instituições tinham mais miúdos sinalizados. Mas às vezes tenta-se tratar na instituição, menosprezando um pouco a situação e não se abre os olhos aos pais. É necessário abrir os olhos e explicar que aquele é um caso diferente e que devia sair e ir para outra instituição. O que se passa é pensa-se muito na parte económica, se a criança sair dali é menos uma mensalidade... olham para eles próprios e não para um interesse social... e é isso que me faz pensar que nem todos olham em rede... primeiro olham para a necessidade própria e só depois vou... e isso acho que não está bem. Agora acho que há muita coisa a fazer. Ainda outro aspeto ao nível social é a população estrangeira... Silves já tem um núcleo de pessoa estrangeiras muito interessante. E se eu te questionar, na rede social do concelho que respostas existem para um idoso estrangeiro de 80 anos, não há... seja que resposta for. Embora os modos de vida sejam diferentes eles têm de se adaptar e nós temos de pensar em respostas que possam ir ao encontro das necessidades deles. Não serão respostas típicas das que dispomos para os nossos idosos. Pode pensar-se num centro de dia para estrangeiros e eles desenvolvem as próprias atividades... Mas ao nível da Rede nós devemos pensar nestas pessoas, porque eles são importantes aqui, porque eles fazem consumos e mexem com a economia... e nós devemos agarrá-los cá.

Q10– Quais os aspectos que considera que deverão ser melhorados ao nível da rede de parceiros existente no concelho de Silves?

É o que tenho vindo a responder atrás... mas o que pode ser melhorado são as relações institucionais, entre as várias organizações, a visão institucional de cada organização, deixar de ser própria e passar a ser mais alargada e mais ampla e perceber que se não tralharmos em parceria ninguém chega a lado nenhum, as pessoas têm de começar a perceber isso. Depois penso que deve haver uma aposta cada vez mais forte ao nível técnico, nas pessoas que representam as instituições nas reuniões, que não sirva só para ouvir os outros a debitar assuntos e depois não fazerem nada. Ou vão e vão de corpo e alma e apresentam soluções, porque quem ouve e está sempre de acordo, das duas uma, ou não está de boa-fé ou não percebe nada do assunto. As pessoas têm de ter uma atitude proativa e só assim é que a Rede Social pode avançar.

Q11– Nesta matéria o que é que pode (vir a) ser considerado uma boa prática, a adaptar noutros concelhos?

Penso que... dou-te o exemplo de uma coisa recente, por exemplo o Banco Alimentar e das reuniões que temos feito, tem sido uma boa prática, nomeadamente ao nível da uniformização de informação. E voltamos à questão dos critérios, eu acho que os critérios devem ser definidos, com objetividade, numa fase inicial com a concretização dos mesmos, através da troca de informações entre todas as instituições, para saber o que acham e a partir daí ter uma base de trabalho e essa base servir para tudo. Há bem pouco tempo os regulamentos tiveram de ser alterados para que possam ter os mesmos critérios perante a Segurança Social, e para que não existam distorções como

antigamente havia, e penso que é essa uniformização de critérios para atingir objetivos que é muito importante. Até porque ela permite uma coisa que cada vez mais devemos pensar que a Rede Social tem de ter objetivos e esses objetivos têm de ser mensuráveis e só podem ser mensurados se tiveres critérios previamente elaborados, porque se não os tiveres nunca sabes se o teu trabalho está a ser proveitoso ou não. Podes trabalhar muito mas aquilo pode não servir de nada, se não tiveres forma de o avaliar de o medir de nada servirá. Importa é avaliar, medir e com base nisso mais tarde poderes ajustar esses objetivos ao que na verdade necessitas, é por aí que temos de trabalhar. E isso para mim são boas práticas.

Dimensão IV – Entidades

Q12- Numa escala de 0 a 5 que importância dá a entidade que representa a uma intervenção social em parceria?

Cinco...

Q13- Para si, quem são os principais beneficiados no desenvolvimento de uma intervenção social em parceria?

Aqueles para quem trabalhamos todos os dias... que são as pessoas. As pessoas beneficiárias.

Q14- Da sua experiência na Rede, quais as entidades que se destacam na intervenção social em parceria, no concelho?

Em primeiro lugar a Câmara Municipal, porque é a promotora e um conjunto de situações, destacam-se aquelas que têm mais dinamismo obviamente. Mas penso que a Câmara Municipal, a Segurança Social, o IEFP (Instituto de Emprego e Formação Profissional), as Escolas, as Misericórdias e algumas instituições aqui do concelho.

Dimensão V – Percepções

Q15- Na sua opinião, o que se espera de uma intervenção social em parceria?

Eu espero, que as pessoas que estão do outro lado entendam que o que nós queremos no trabalho em parceria é melhorar as condições de todos. De nós, de quem promove, de quem executa e de quem beneficia. Isso é o que eu espero que as pessoas entendam. Mas sei que às vezes isso não acontece...

Q16- Do que mais depende o sucesso de uma intervenção social em parceria?

Da vontade de todos.

Q17- Qual o futuro para a intervenção social em parceria, daqui a 10 anos?

Daqui a 10 anos vejo este trabalho como insubstituível... porque no Portugal 2020, se existe critério bastante valorizado é o trabalho em parceria. Neste momento estando nós numa região que é o Algarve que não tem valorização nenhuma no Portugal 2020 se apresentarmos uma candidatura individual não é aceite. Basicamente, ou se for aceite é muito difícil que o seja se não for em parceria. Se pensarmos que para o Portugal 2020 só pela Associação Vicentina, com N parceiros é que nos conseguimos candidatar, porque individualmente é impossível. E 2020 são daqui a 6 anos, por isso se nos próximos 10 não estivermos todos juntos ninguém consegue sobreviver nesta guerra.

Entrevista para realização de estudo sobre a Intervenção Social em Parceria, na perspectiva dos elementos representantes das entidades que compõem o Conselho Local de Ação Social de Silves

Entrevista F

Data: 17.06.2015 Local: Gabinete da Presidente do CLAS (Vereadora do Pelouro da Ação Social da Câmara Municipal de Silves)

Hora de início: 10h04 Hora de fim: 16 minutos

Perfil do entrevistado

Sexo: Feminino Idade: 43 Habilitações Literárias: Engenharia

Agrónoma

Tempo de serviço: 25 anos

Tempo de serviço ao nível da intervenção em parceria: 25 anos

Entidade que representa: CMS

Dimensão I - Parceria

Q1- O que é para si uma parceria?

Uma parceria é um juntar de energias, um juntar de forças, para atingir um objetivo comum... Porque as pessoas só se unem para uma parceria se tiverem um objetivo para alcançar. Portanto é isso que origina as parcerias.

Q2- Que tipo de experiência profissional tem a este nível?

Como Vereadora da Câmara Municipal o que posso dizer é que este é um organismo que trabalha em parceria em diversas vertentes e áreas de intervenção. Portanto a experiência profissional passa por aqui. Depois tendo em conta a minha experiência profissional anterior, enquanto professora, no ensino e porque também os recursos são escassos, tal como acontece em parte no Município, isso faz com que se recorra às parcerias. As parcerias são no fundo sinergias, que surgem de necessidades e que originam um trabalho conjunto e é nesse sentido que nas escolas também trabalhamos em parceria, por exemplo com o Município. E através dos Municípios que as Escolas, por esse País fora, estão ligadas muito se devendo às transferências de competências...

Q3- No seu entender porquê e como se criam parcerias?

As parcerias criam-se obviamente porque existe um objetivo comum a alcançar e muitas vezes pela necessidade também de formação dessas mesmas parcerias... Não é

só o juntar de energias é também o que falta num organismo e existe no outro e isso é uma necessidade para que se alcance esse objetivo comum, é a chamada congregação de esforços e rentabilização de recursos.

Dimensão II – Intervenção Social em Parceria

Q4- Na intervenção social o que considera como pontos fortes, numa intervenção em parceria? Quais os pontos fracos?

Os pontos fortes reportam-se ao que os parceiros podem dar, aos contributos de cada um numa parceria, os seus conhecimentos e os recursos que dispõem, quer sejam humanos ou materiais. Os pontos fracos são no fundo os diferentes pontos de vista, níveis, ritmos e formas de trabalhar dos parceiros. Muitas vezes as coisas não andam tão depressa devido aos ritmos diferentes dos parceiros. Por isso, para que uma parceria resulte tem de existir um grande esforço por parte de todos, para que se mantenha o equilíbrio na dinâmica social... não é fácil mas ultrapassa-se...

Q5- Numa escala de 0 a 5, que importância tem para si o trabalho em parceria? Quais as vantagens e desvantagens dessa intervenção?

É nitidamente cinco, quanto às vantagens e desvantagens... para mim são os pontos fortes e fracos já identificados.

Q6- O que mudou no seu trabalho desde que desenvolve uma intervenção em parceria? Porquê?

Eu sempre desenvolvi um trabalho em parceria... aqui ou na escola o trabalho em parceria é essencial para conseguirmos alcançar o que pretendemos, pois os recursos são escassos e há necessidade de se juntarem quer os recursos quer os conhecimentos, das partes envolvidas numa intervenção em parceria.

Q7- Da intervenção social desenvolvida no concelho, no seu entender, que ameaças poderão existir que coloquem em causa o desenvolvimento pleno de uma parceria?

É precisamente o ritmo de trabalho diferente das instituições, mas também o não cumprimento por parte das mesmas no que respeita ao que se propõem, quando se associam ao desenvolvimento de uma parceria. Não disponibilizam os seus recursos, e o que poderíamos ir buscar a um ou outro parceiro acaba muitas vezes por não acontecer e são muitas vezes estes aspetos que colocam em causa as parcerias.

Q8- Considera que todas as entidades no concelho reconhecem a intervenção social em parceria como mais valia? Se não, porquê?

Não... não reconhecem. Porque as entidades quando entram numa parceria muitas vezes, não é por um objetivo comum e sim na busca de um objetivo direcionado para a própria instituição e isso é muitas vezes defraudado e quando tal acontece coloca-se em

causa a parceria. Nós, enquanto Município, visamos o bem da comunidade no seu todo, mas esta postura não ocorre com a maioria das instituições, que têm como foco o seu público-alvo local e não territorial... e isto no meu entender faz com que as parcerias não sejam muitas vezes reconhecidas. Por outro lado, sinto que para a parceria é dada importância ao assinar de um papel, um protocolo mas depois o trabalho é feito pela entidade que propôs a parceria e não pelo todo e isto obviamente deixa de ser um trabalho em parceria, um trabalho do conjunto, porque na realidade é difícil trabalhar em equipa e também é verdade que há sempre uma entidade ou outra que dá muito mais que as outras e daí a falta de reconhecimento muitas vezes neste trabalho.

Dimensão III – Trabalho desenvolvido e a desenvolver

Q9– Do seu ponto de vista existem oportunidades por explorar, para este tipo de intervenção? Consegue identificar algumas?

Com certeza que existem... o alargar de algumas respostas não só ao concelho, mas ao âmbito distrital e até quem sabe ao nível nacional... Nós cingimo-nos muito ao distrito e focamo-nos muito no concelho, na dinâmica da parceria no concelho, mas talvez seja importante uma intervenção supraconcelhia, pois trará sem dúvida mais valias a quem está envolvido na intervenção.

Q10– Quais os aspectos que considera que deverão ser melhorados ao nível da rede de parceiros existente no concelho de Silves?

É chamar as entidades à responsabilização nas parcerias onde estão envolvidas, porque não basta assinar um protocolo, tem de existir uma participação ativa e um envolvimento no cumprimento do que previamente ficou definido nos projetos e intervenções a desenvolver em parceria. Se tal não ocorrer uns trabalham e outros ficam à espera que dali possa sair alguma coisa, sem qualquer envolvimento e isso para quem está envolvido e a trabalhar é completamente desmotivante, porque o resultado final é de todos e não apenas de quem trabalhou. Ou as pessoas estão efetivamente em parceria e trabalham, ou estar só de nome de nada adianta, não é suficiente.

Q11– Nesta matéria o que é que pode (vir a) ser considerado uma boa prática, a adaptar noutros concelhos?

A boa prática que acho existir é basicamente a proximidade que é feita entre os elementos do CLAS. Mas isso deve-se muito à interlocução e a quem dinamiza este tipo de intervenção. Para que as parcerias resultem tem de existir de fato esta proximidade e esta figura de referência. Têm de existir as reuniões e a implementação das medidas, devidamente acompanhadas, caso contrário as coisas não funcionam, cada qual volta para a sua entidade a trabalhar no que desenvolve e deixa de existir parceria.

Dimensão IV – Entidades

Q12- Numa escala de 0 a 5 que importância dá a entidade que representa a uma intervenção social em parceria?

Dou cinco.

Q13- Para si, quem são os principais beneficiados no desenvolvimento de uma intervenção social em parceria?

A comunidade no seu todo.

Q14- Da sua experiência na Rede, quais as entidades que se destacam na intervenção social em parceria, no concelho?

Para mim, as que se destacam no concelho a este nível são a Casa do Povo de São Bartolomeu de Messines e o Centro Social Espaço Aberto de Pêra, uma vez que têm um forte apoio direcionado à comunidade, embora estejam focadas para as freguesias onde estão sedeadas. Mas penso que o papel que lhes está atribuído socialmente está a ser bem conduzido, dirige-se a quem mais necessita e nesse sentido esse trabalho deve é reconhecido.

Dimensão V – Percepções

Q15- Na sua opinião, o que se espera de uma intervenção social em parceria?

O que se espera é que ela abranja e se dirija ao maior número de pessoas possível. É certo que nas parcerias nem sempre se consegue atingir o todo, mas o que se espera é que se tente o máximo e que os parceiros possam ter aqui uma intervenção ativa, porque se tal acontecer ocorre sem dúvida o crescimento, a evolução da comunidade e da sociedade.

Q16- Do que mais depende o sucesso de uma intervenção social em parceria?

Depende da intervenção ativa dos parceiros.

Q17- Qual o futuro para a intervenção social em parceria, daqui a 10 anos?

Eu penso que estará muito melhor, porque a parceria é também um trabalho que se aprende e com o passar dos anos é possível detetar os pontos fracos e os pontos fortes e o todo vai melhorando. Por isso, daqui a 10 anos espero que a intervenção social em parceria esteja muito melhor, que a máquina esteja oleada e afinada e funcione efetivamente, respondendo a um maior número de situações.